



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**MILENNA SELLY PERES DE OLIVEIRA**

**A AUTOTRASCENDÊNCIA E SENTIDO DA VIDA DE COMBATENTES DAS  
LIGAS CAMPONESAS PARAIBANAS**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2022**

MILENNA SELLY PERES DE OLIVEIRA

**A AUTOTRASCENDÊNCIA E SENTIDO DA VIDA DE COMBATENTES DAS  
LIGAS CAMPONESAS PARAIBANAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em psicologia.

**Área de concentração:** Ciências sociais e da saúde

**Orientadora:** Profa. Ma. Raisa Fernandes Mariz Simões

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48a Oliveira, Milenna Selly Peres de.  
A autotranscendência e sentido da vida de combatentes das ligas camponesas paraibanas [manuscrito] / Milenna Selly Peres de Oliveira. - 2022.  
48 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.  
"Orientação : Profa. Ma. Raisal Fernandes Mariz Simões, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."  
1. Movimentos sociais. 2. 2. 3. Camponeses. 4. 3. 5. Autotranscendência. 6. 4. 7. Sentido d. 8. Sentido da vida. 9. 5. 10. Memória coletiva. I. Título  
  
21. ed. CDD 331.8

**MILENNA SELLY PERES DE OLIVEIRA**

**A AUTOTRASCENDÊNCIA E SENTIDO DA VIDA DE COMBATENTES  
DAS LIGAS CAMPONESAS PARAIBANAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
em Psicologia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de bacharela em psicologia.

Aprovada em: 04/ 08 / 2022

**BANCA EXAMINADORA**

*Raísa Fernandes Mariz Simões*

Profa. Ma. Raísa Fernandes Mariz Simões (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Thiago Silva Fernandes*

Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Francisco de Assis Batista*

Prof. Dr. Francisco de Assis Batista  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todas e todos os trabalhadores do campo, que constroem sua luta regada com suor e lágrima, que transpõem suas dificuldades com u força e amor, para que permaneça o legado de sua existência e resistência, transformando-as em autotranscendência. DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, força primordial que me ajudou e me impulsionou a me formar na profissão de meus sonhos, minha mãe Michelle, meu pai Sérgio, meu irmão Matheus. Com todo o meu amor e eterna gratidão, sem vocês e sem Deus eu nada seria. Aos meus tios e tias, muito obrigada.

Aos meus queridos avós, Soledade e João, minha eterna gratidão por todo cuidado e carinho durante toda minha vida. Aos que já se foram, que estiveram, comigo em tantos momentos ao longo da vida e na minha jornada no curso de psicologia, muitas vezes até brincando com minha escolha, mas que sempre foi motivo de muitas alegrias. Minhas riquezas, Francisca e Adailton (*in memoriam*), enquanto eu respirar vou me lembrar de vocês. Amo todos vocês.

Às minhas meninas, que estiveram comigo durante todo o curso, cada gargalhada fez toda diferença, produziu carinho, amor, felicidade por estar todos os dias no departamento de psicologia, ao lado de pessoas tão especiais. Vocês fizeram parte do meu crescimento e maturação pessoal e profissional. Gratidão!

Ao professor Francisco de Assis por plantar em meu coração a semente do amor ao campesinato. À Raisa, Lorena, Thiago, por me que a teoria centrada no sentido envolve um viver e um ver humano, ético e justo, por me apresentar uma das mais lindas teorias já criadas por um dos mais ilustres seres humanos, Frankl. Obrigada.

À Isis, por traçar comigo cada plano e meta comigo, lutando, construindo, me ensinando com tamanha delicadeza, inteligência e perspicácia, acreditando sempre que serei boa no meu fazer profissional, com todo o amor, minha mais autêntica gratidão. A todos e todas os meus queridos que acreditaram que eu seria capaz, quando eu mesma não acreditava, obrigada.

A TERRA É NOSSA

Sou poeta popular  
São simples os versos meus  
E sempre onde eu vou rimar  
O principal tema é Deus.  
Deus fez a grande natura  
Com tudo quanto ela tem  
Mas não passou escritura  
Da terra para ninguém.  
Se a terra foi Deus quem fez  
Se é obra da criação  
Deve cada camponês  
Ter um pedaço de chão.  
Quando o agregado solta  
O seu grito de revolta  
Tem razão de reclamar  
Não há maior padecer  
Do que o camponês viver  
Sem terra pra trabalhar.  
O grande latifundiário  
Egoísta e usurário  
Da terra toda se apossa  
Causando crises fatais  
Porém nas leis naturais  
Sabemos que A TERRA É NOSSA.  
(Patativa do Assaré)

## RESUMO

Os movimentos sociais são ferramentas de luta e reivindicação de direitos, e, nesse sentido, destaca-se o papel que as lutas do campo tiveram como fundamental e determinante para exigir a reforma agrária e políticas de segurança, saúde e educação para a população camponesa. Este trabalho, portanto, tem como objetivo refletir, através dos conceitos de autotranscendência e sentido de vida na Logoterapia frankliana, de que modo o sentido da vida de líderes paraibanos das Ligas Camponesas de Sapé – PB, influenciaram no modo de funcionamento de uma comunidade que lutou e continua lutando por uma vida justa para a coletividade, assim justifica-se a relevância deste trabalho o olhar biopsiconoético a este princípio. Refere-se a um material bibliográfico e biográfico, do tipo qualitativo e descritivo, e consiste no levantamento de dados, história e memória de arquivos relacionados à pesquisa. A escolha do local se deu na Zona da Mata paraibana, pois foi em Sapé, na Paraíba, que a vontade de sentido emergiu dos pioneiros, que combatiam com garra e amor às injustiças sociais vigentes, e que disseminou o movimento a nível nacional, fortalecendo a causa com a organização de milhares de camponeses com objetivos comuns, e que obteve reconhecimento internacional. A preocupação de discutir sobre o sentido de vida de pertencentes aos movimentos sociais do campo com o olhar voltado para a teoria de Viktor Frankl, a Logoterapia, propicia o debate sobre questões que envolvam a necessidade de melhorias de qualidade de vida para uma comunidade que é ainda invisibilizada e negligenciada pelo Estado. Portanto, espera-se que a descrição e explanação da história trazida neste trabalho, colabore para uma assistência social justa, observando a necessidade de cuidados biopsiconoéticos e sociais. Assim, ao final do trabalho, visa-se possíveis pesquisas quantitativas objetivando publicações de artigos científicos e afins, para que haja uma amplificação do conhecimento nele manifesto para pesquisadores e acadêmicos, bem como para os demais interessados pela temática aqui proposta, possibilitando, também como contribuição à sociedade, a produção de ações que possibilite intervenções com estratégias de promoção de saúde e qualidade de vida para esta comunidade.

**Palavras-Chave:** Movimentos sociais; Camponeses; Autotranscendência; Sentido da vida.



## ABSTRACT

Social movements are tools for fighting and claiming rights, meaning that the role that rural struggles played was fundamental and determinant in demanding agrarian reform and security, health, and education policies for the population of peasants. This study, therefore, aims to reflect, through the concepts of self-transcendence and meaning of life in Frankl's Logotherapy, how the meaning of life of leaders from Paraíba of the Peasant Leagues of Sapé - PB, influenced the way of functioning of a community that fought and continues to fight for an equal and fair life for the community. Hence, the bio-psycho-noetic look at this principle justifies the relevance of this study. It refers to a work of bibliographic and biographical material, of a qualitative and descriptive type, and consists of collecting data, history, and memory of archives related to the research. The choice of the location took place in the Zona da Mata of Paraíba, because it was in Sapé, Paraíba, that the will for meaning emerged from the pioneers, who fought with vigor and love against the prevailing social injustices, and who disseminated the movement at a national level, strengthening the cause with the organization of thousands of peasants with common goals, and which gained international recognition. The concern to discuss the meaning of life of people belonging to social movements in the countryside, with a view to Viktor Frankl's theory, Logotherapy, promotes the debate on issues involving the need to improve the quality of life for a community that is still made invisible and neglected by the state. Therefore, it is expected that the description and explanation of the history brought in this work, collaborate for fair social assistance, highlighting the need for bio-psycho-noetic and social care. Thus, at the end of the work, possible quantitative research is aimed at publishing scientific articles and other similar studies, so that there is an amplification of the knowledge manifested in it for researchers and academics, as well as for others interested in the theme proposed here, making it possible, as well as contributing to society, the production of actions that enable interventions with strategies to promote health and quality of life for this community.

**Keywords:** Social movements. Peasants. Self-transcendence. Meaning of life.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEVPM/PB	Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba
CPT	Comissão Pastoral da Terra
JPT	João Pedro Teixeira
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MLLC	Memorial das Ligas e Lutas Camponesas João Pedro Teixeira
MMC	Movimento das Mulheres Camponesas
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>Contexto Histórico: A luta pela reforma agrária e as Ligas Camponesas .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>Logoterapia: sentido da vida, autotranscendência e sentido do sofrimento .....</b>	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADO E DISCUSSÕES .....</b>	<b>25</b>
<b>4.1</b>	<b>Memórias do povo – Enquanto houver injustiça haverá luta! .....</b>	<b>25</b>
<i>4.1.1</i>	<i>João Pedro Teixeira.....</i>	<i>25</i>
<i>4.1.2</i>	<i>João Alfredo Dias .....</i>	<i>29</i>
<i>4.1.3</i>	<i>Pedro Fazendeiro.....</i>	<i>32</i>
<b>4.2</b>	<b>Mulheres camponesas - Eu marcharei na tua luta!.....</b>	<b>34</b>
<i>4.2.1</i>	<i>Margarida Maria Alves .....</i>	<i>35</i>
<i>4.2.2</i>	<i>Elizabeth Teixeira.....</i>	<i>38</i>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho configura-se enquanto um estudo de material bibliográfico e biográfico, do tipo qualitativo e descritivo, consistindo no levantamento de dados, história e memória de arquivos relacionados à pesquisa, o que, para Amaral, (2007, p.1), é uma etapa fundamental em todo trabalho científico.

O presente estudo propõe uma reflexão sobre a descoberta do sentido de pessoas que lutaram pela reforma agrária e pela melhor qualidade de vida da população do campo, especificamente na Zona da Mata Paraibana, e como isso pôde influenciar sua comunidade do campo. Sob a perspectiva teórica da Logoterapia, abordagem da Psicologia, é possível evidenciar esta questão, tendo em vista que a luta coletiva é um fenômeno da dimensão noética do homem podendo ser fator importante para a saúde mental do sujeito através da perspectiva de ter um para quê viver.

Toda a história de Luta do povo do Campo é permeada pela esperança, e com isto, Moreira (2007), traz um adendo ao território de esperança, que “é aquele conquistado e construído: pela luta de resistência camponesa para permanecer na terra; pela luta de ocupação de terra, promovida pelos trabalhadores sem-terra e pela luta de consolidação das diferentes formas de agricultura camponesa” (MOREIRA, 2007, p. 05).

Por muito tempo os trabalhadores do campo, organizados em Ligas Camponesas, somavam forças que reagiam contra as arbitrariedades dos grandes proprietários de terra. Destes conflitos, resultam, não raro, lutas sangrentas que terminavam com grandes perdas (PESSOA, 2015). Isso culminou na desapropriação de terras de diversos municípios e microrregiões do nordeste, fazendo com que os pequenos agricultores tivessem uma terra para trabalhar e viver de forma digna de seu trabalho, sem o pagamento do cambão e com direitos civis preservados, como o simples direito a ter educação e saúde básica.

Diante disto, é necessário conhecer e considerar as forças que deram origem a diversos movimentos sociais do campo, e quais foram os fatores que tornaram essa luta coletiva em sentido de vida, pois é este último que motiva o ser humano a superar seus condicionantes. Como exemplo disto, Viktor Frankl, autor da Logoterapia, traz seu próprio relato vivido no campo de concentração em que os que tinham um sentido para sua existência conseguiam suportar o sofrimento agudo vivenciado, não desistindo da vida. Portanto, há um sentido para a vida — isto é, um sentido pelo qual o homem sempre esteve a buscar [vontade de sentido] — e que o homem tem a liberdade de engajar-se, ou não, na realização desse sentido” (FRANKL, 2011, p. 89).

Viktor Emil Frankl (1905-1997) foi um psiquiatra e neurologista austríaco, fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, conhecida como Logoterapia. Essa abordagem é considerada fenomenológica, existencialista, humanista e teísta, porque sua visão de homem não restringe o ser humano a uma compreensão biopsicossocial, todavia, também não enxerga o ser humano de forma unilateral. A visão de homem da Logoterapia busca compreender a existência através de fenômenos especificamente humanos, observando o ser humano em sua totalidade, sem deixar de lado sua subjetividade e considerando sua dimensão biológica, psicológica, social e noética (JÚNIOR & MAHFOUD, 2001).

De acordo com Guedes & Gaudêncio (2012), na dimensão noética/espiritual do homem se localiza os fenômenos intrinsecamente humanos, isto é, a tomada de decisão frente às adversidades da vida na qual envolve, por exemplo, a liberdade, a responsabilidade e a preocupação pela busca do sentido último da vida. Segundo Frankl (2008), existe um sentido de vida potencial em todas as circunstâncias da vida, ela nunca deixa de oferecer sentido, o ser humano tem sempre a liberdade de escolher a postura que adota perante os condicionamentos e circunstâncias que a vida lhe apresenta — liberdade de vontade.

Através de um processo fenomenológico, Frankl observou alguns fenômenos especificamente humanos que melhor caracterizam o inconsciente noético, são eles: a consciência moral e o amor. A consciência moral trata-se da capacidade intuitiva para captar o sentido único possível em cada situação, e a partir destes sentidos captados, tomar uma decisão ou estabelecer os julgamentos morais dos atos realizados, o que faz da consciência um “órgão de sentido”.

Foi através desta vontade de ter uma vida digna e compartilhar esta dignidade com todos, que o líder da região paraibana, João Pedro Teixeira, ao lado de sua esposa, Elizabeth Teixeira, e seus companheiros de luta, reivindicaram o fim da exploração dos camponeses através da reforma agrária. O sentido da vida de um pobre agricultor, negro, com baixa escolaridade e que tinha apenas sua voz, que deu sentido a vida de centenas de milhares outros camponeses e entidades brasileiras desde de 1958.

Este trabalho que se configura enquanto uma revisão de literatura e se dará em três etapas. A primeira conterà o referencial teórico que embasa a pesquisa apresentando o que foram as Ligas Camponesas e como surgiram, sendo explicada brevemente através de uma linha temporal desde o período do Brasil colonial, até os dias atuais. A segunda apresentará a Logoterapia, contendo uma explanação sobre os conceitos principais da teoria, já sendo costurada com o tema dos movimentos sociais do campo. A terceira e última etapa, possui o material biográfico e bibliográfico de cinco líderes camponeses do século XX, apresentando-os

enquanto sujeitos, suas ações e o impacto destas, deixado por eles à amigos e familiares, cujas ações transcendentais narradas entrelaçamos com a Abordagem Fenomenológica Existencial, a Logoterapia.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Contexto Histórico: A luta pela reforma agrária e as Ligas Camponesas

A questão agrária no Brasil, surge já no descobrimento através da expropriação dos povos originários, tornando um conflito que vai além da política e economia, trata-se também de um problema social. Silva (2015), coloca que, de modo gradativo, com a instauração do sistema de apropriação de terras brasileira pelo governo português, mesmo desconsiderando a presença dos indígenas enquanto verdadeiros proprietários brasileiros, estes foram dizimados por Portugal para que os nobres tomassem posse das terras em nome da coroa portuguesa.

Ainda segundo a autora, este período ficou conhecido pela marca deixada pela presença das capitânicas hereditárias, contudo, com o fracasso da majoritária parte delas, o rei implementou o sistema de sesmarias:

[...]em que o Rei ou os donatários entregava a quem tivesse interesse por terras abandonadas, dentre elas algumas Capitânicas, para que fossem cultivadas. No entanto, não era qualquer um que poderia possuir as sesmarias, apenas os nobres, militares e navegadores eram agraciados com estas terras, e os contemplados pagavam ao Rei o uso dessas com a sexta parte do que produziam. (SILVA, 2015, p. 18).

Não existia propriedade privada neste período, o que implicava dizer que a grande riqueza eram os povos escravizados, visto que, caracterizavam-se pelo ‘produto’ de grande valor para compra e venda. Assim, com o modelo que gerou a grande concentração fundiária no âmbito brasileiro, o cenário de extermínio da população indígena e negra se tornou quase irrefreável. Entretanto, com a chegada das lutas abolicionistas advindas da Europa em 1800, se apresentava o prenúncio de mudanças para este sistema opressor.

Com a Lei de Terras de 1850, intensificou-se o cerco às terras, bem como a grilagem e a expropriação dos posseiros. Desse modo, o latifúndio – marca do Brasil Colônia, do Brasil monárquico – tornou-se e mantém-se até hoje, marca do Brasil República. (FERNANDES, 2000 p. 29). Dessa forma, o movimento migratório europeu crescia no Brasil durante as décadas de 1870 e 1880, em razão da expansão da produção de café, e a Lei de Terras neste período, serviu para impedir que o imigrante tivesse acesso à terra, e com o fim da escravidão, os recém libertos também não usufruísem dessas terras.

Ainda segundo Fernandes (2000), majoritária parte dos trabalhadores, ex-escravizados e imigrantes se organizaram em uma categoria que reivindicava o desentranhamento da terra, e essa organização ficou conhecida na segunda metade do século XX como Sem-terra, e essa luta vem sendo realizada até os dias de hoje. Com isto, Silva (2015), apresenta que o cenário rural

brasileiro se estabelecia, enterrando suas raízes nas grandes concentrações de terra, construindo uma grande massa de camponeses sem terra para produzir e viver. Iniciando também os conflitos de terra por pessoas que foram marginalizadas e expulsas do campo pela elite vigente.

A situação dos camponeses era crítica e deplorável, visto não conseguiam pagar pelo que “deviam” aos latifundiários, fazendo com que estes ficassem em vulnerabilidade às crueldades dos donos das terras, evocando inúmeras revoltas por parte dos trabalhadores do campo, fazendo com que estes fossem migrando para vilas e pequenos povoados da região. Com a instauração da Lei Áurea em 1888, as massas que criaram os órfãos das terras, crescia de modo a estabelecer a criação da estrutura fundiária brasileira.

Avançando na linha do tempo, durante a década de 1960 havia um modo de funcionamento e distribuição de força de trabalho. Pessoa (2015), traz a fala de Francisco Julião ao falar sobre o infortúnio que viveu a população do campo durante o período do governo de Juscelino Kubitschek (1955 - 1960):

[...] em Brasília, cujos edifícios foram alicerçados, no sacrifício de centenas de milhares de camponeses, no quinquênio Juscelino Kubitschek, que não teve uma palavra de esperança sequer para o campesinato, mas abriu, como nenhum outro, as portas do País ao capital estrangeiro monopolista e espoliador de nossas riquezas. (JULIÃO, 1962, p.14)

Assim, após o governo JK, a grande problemática que permeava as relações de poder e de trabalho no campo, foi ganhando cada vez mais notoriedade, não somente pela precarização da qualidade de vida dos camponeses, mas, principalmente pela multiplicação crescente dos movimentos organizados de forças rurais em torno do território brasileiro.

Retornando há algumas décadas, em 1945, após esboços do Partido Comunista Brasileiro com a saída de Getúlio Vargas, foi criado um plano teórico que fomentava a construção da ideia de Ligas Camponesas. E na legalidade após contraposição da direita conservadora da época em clima de guerra fria, os planos saíram do papel, obtendo êxito no Estado de Pernambuco, São Paulo e no Triângulo Mineiro. Contudo, estas ligas duraram pouco tempo devido à ilegalidade do partido que foi de 2 anos (1945-1947), pois se encontravam ligadas umbilicalmente ao partido, e só tornariam a surgir novamente em 1954, no município de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, mas de uma forma bem diferente, desta vez, não vinculadas exclusivamente ao PCB (PESSOA, 2015).

Com a notoriedade do movimento camponês que crescia no sertão pernambucano, as lutas passaram a ser tema constante nos jornais brasileiros, repercutindo também na imprensa internacional. A primeira Liga Camponesa nasceu no Engenho Galileia no ano de 1955, com o



nome de Sociedade de Agricultores, Plantadores e Pecuáristas Pernambucanos (SAPPP), apesar de ser reconhecida pela imprensa nacional de Ligas Camponesas sob a intenção de associá-la aos primeiros movimentos do campo atreladas ao partido comunista, objetivando manchar a imagem do movimento recém-nascido e que crescia em grande escala. As Ligas do Engenho Galileia, teve como líder e presidente o Deputado Estadual Francisco Julião, que, devido a sua visibilidade como advogado e político, proporcionou uma expansão das Ligas para outras localidades.

Sob punho firme de Julião, as ligas ecoaram a necessidade alterar as relações sociais no campo, “[...] considerando a formação de uma nova cultura política entre os “linguistas”, forjada entre a moral e valores do homem do campo com a cultura comunista/socialista. O próprio termo camponês passou a indicar a manifestação dessa nova cultura política” (PESSOA, 2015. p. 42). A autora Lêda Barreto pontua:

Tenha-se como suposto que quando o indivíduo se classifica como “camponês” é porque já está altamente politizado, em geral pertence às Ligas, se não de fato, atualmente, pelo menos potencialmente. “Camponês” já é até empregado como título. Em Sapé por exemplo vimos Elisabeth Teixeira, líder paraibana, chamar aos seus companheiros e vizinhos “o camponês Firmino”, “a camponesa Severina”, e assim por diante. Verificamos depois ser geral este tratamento onde existem Ligas, o que nos deu uma medida de penetração deste fator político na reorganização social e na mudança de atitudes que se opera rapidamente como um dos aspectos de mudança social em ritmo crescente. (BARRETO, 1963. p. 115-116)

Com Julião no comando das Ligas de Pernambuco, os projetos se iniciaram com uma perspectiva assistencialista, convocando aos camponeses que se unissem em prol de uma ajuda emergente, primeiramente mútua, onde era necessário a construção de caixões para as crianças que morriam em níveis desproporcionais devido à seca e a fome, como também a reivindicação de auxílio governamental para manutenção do trabalho agrícola como sementes, inseticidas e assistência técnica, visto que era escassa, e muitas plantações se perdiam por fatores ambientais e de praga, e que acaba interferindo na relação entre o patrão e o trabalhador, onde em uma situação na qual não fosse possível a entrega da plantação exigida pelo fazendeiro, este soltava cruelmente o gado em cima do pouco que vingou deixando o trabalhador sem alimento para si e sua família.

No mesmo período, na Paraíba, as Ligas de Sapé - PB foram se erguendo seguindo a estrutura da SAPPP de Vitória de Santo Antão - PE, criando seu estatuto tomando como base as diretrizes das Ligas de Engenho Galileia. A primeira Liga do estado, por exemplo, que surgiu em Sapé no ano de 1958, seguiu o roteiro formulado pela União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil a ULTAB, desde 1954 (RANGEL, 2006, p. 469).

A primeira Liga da Paraíba, nasceu com o nome oficial de Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé. Que objetivava assegurar assistência social aos pequenos produtores rurais, foreiros e arrendatários que padeciam com as injustiças potencializadas pelos grandes latifundiários através da exploração de suas forças produtivas e da negação de direitos trabalhistas básicos. As maiores queixas que elevavam o sofrimento dos camponeses e que era grande demanda de extermínio por parte das Ligas eram o “cambão” e o “foro”:

O cambão consistia no dia em que o trabalhador fornecia seus serviços ao patrão sem receber nada em troca, como forma de “pagamento” pelo uso da terra. O foro era a contraprestação devida pelo trabalhador ao patrão, em decorrência do uso da terra. Parte da produção feita pelo camponês era destinada ao patrão, servindo como se fosse o pagamento do “aluguel” da terra, ou seja, a obrigação de pagamento pelo uso da terra que o camponês devia ao proprietário (PESSOA, 2015. p. 45).

O autor ainda traz que, sob essa nova configuração do movimento camponês, com uma organização politizada, o incômodo passava a enraivecer os fazendeiros e proprietários de terras, transformando o ambiente rural em um lugar de tensão ainda maior, comprometendo as relações entre patrões e empregados. A exploração, expulsões e restrições, como proibição de seus empregados plantarem lavouras, objetivando o não pagamento de indenizações nas expulsões, foram algumas de suas reações para com os trabalhadores. De modo que, com o passar do tempo, essa tensão aumentava significativamente no passo que novos camponeses se tornaram associados à Liga.

Assim, o ápice reacionário dos latifundiários era mandar seus jagunços e capatazes perseguirem as famílias camponesas filiadas ao movimento, levando-as à agressão e morte. Muitas vezes em mortes que atingiam as duas partes.

Nunes (2013), apresenta em sua obra uma fala de Francisco Julião, que destaca algumas destas violências:

Tais crimes chegam a ser hediondos. Derrubam os casebres e arrancam, de trator, as fruteiras dos camponeses, rebelados contra o aumento extorsivo do foro, o “cambão”, o “vale do barracão”, o “capanga”, o salário de fome. Arrastam-nos de jipe, deixando-os em carne viva. Amarram-nos sobre o caminhão como se faz com o gado e passeiam com eles até pela cidade. Com um ferro em brasa, marcam-lhes o peito e as nádegas. Um é posto lambuzado de mel sobre um formigueiro. Outro é metido numa cuba cheia d’água, permanecendo noite e dia a pão seco, servindo-se daquela mesma água contaminada pela urina e pelas fezes, onde fica mergulhado até a boca. Um terceiro é caçado como uma raposa e morto a tiros de revólver e de rifle. E quando a família põe uma cruz tosca de madeira, como é de costume, no lugar onde tombara, a fúria do latifúndio se abate sobre a cruz, que é desfeita em pedaços. Tem havido até camponeses mutilados em presença de outros, sendo os pedaços de sua carne oferecidos aos cães para servir de exemplo. Existe o caso de um desgraçado que teve os testículos presos a uma gaveta no interior do seu próprio mocambo de capim, a que atearam fogo em seguida. Em São Paulo, um camponês teve os dois braços amputados pelo latifundiário enfurecido. Na Bahia, uma aldeia com mais de duas mil pessoas é incendiada por um grupo de jagunços, a mando de um senhor de terras, com a

participação ostensiva de um juiz togado e no pleno exercício do cargo (JULIÃO, 1975, apud NUNES, 2013, p. 34).

A passagem acima produz no leitor uma noção do que foi vivido no período em questão, evocando um severo incômodo na narrativa do nosso autor e líder campesino pernambucano, Francisco Julião. As formas de tortura e humilhação que os donos de terras submetiam os trabalhadores do campo, se davam pelo que os proprietários chamavam de “desobediência”, “ingratidão” quando descobriam a participação dos camponeses na organização das ligas, se tratando de formas de repressão e silenciamento.

Com tamanha indignação, necessidade de justiça e de combate à tais arbitrariedades, passa assim a existir um movimento que lutava para reivindicar uma reforma agrária legalizada, amparada pelo Código Civil do artigo 147 da constituição de 1946 que previa a possibilidade de desapropriação de terras desde que o Estado promovesse justa reparação em pagamento de dinheiro de forma antecipada (PESSOA, 2015. p. 46). Logo, essa fase foi caracterizada por contar com o apoio e atuação de assessorias e de advogados, com o auxílio para redigir documentos destinados às associações.

Com o acelerado crescimento, desenvolvimento e organização do movimento camponês, a associação se tornou a Federação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas da Paraíba, no dia 25 de novembro de 1961, que a sua frente estavam: Francisco de Assis Lemos (presidente), João Pedro Teixeira (vice-presidente), Antônio Dantas (secretário) e Leonardo Leal (tesoureiro) (LEMOS, 2008, p.62).

Oriundas de Pernambuco, na Paraíba as Ligas começaram a ser organizadas ainda no final da década de 1950, com forte influência dos comunistas. Após ter se expandido rapidamente por diversos municípios do estado – Santa Rita, Mari, Guarabira, Campina Grande, Mamanguape, dentre outras – em 1961 foi fundada a Federação das Ligas Camponesas da Paraíba (SILVA, 2014, p. 69)

João Pedro Teixeira chegou à Paraíba em meados de 1954. Segundo a historiadora Lourdes Maria Bandeira et al (2012), “João Pedro chegou a Sapé no dia 30 de maio de 1954” (p. 69), iniciando assim um movimento pautado na luta por melhores condições de vida e de trabalho para os camponeses que residiam na comunidade Barra de Antas, Sapé – PB.

João Pedro eram um homem raro, trabalhava em uma pedreira no Recife - PE, de família pobre, negro sem ‘eira nem beira’, mas já cansado pelas privações que sempre o atormentavam, nunca deixou de lutar pelo bem coletivo. Mesmo com a família construída, com uma esposa e mais 11 filhos, passando por momentos difíceis e de intensas restrições e com um alvo de morte em si, fez de sua trajetória épica um exemplo para as lutas no campo das novas gerações. As

reuniões da associação eram feitas no quintal de sua casa, tendo como apoio de sua esposa, um pilar para que continuasse lutando apesar de tantos atentados e ameaças.

Santos (2005), fala que muitos camponeses aderiram à luta, fazendo com que crescesse o nível de conscientização de exploração do povo. Mesmo a pedidos da própria família para que João Pedro se afastasse da luta, ele se negava a parar de lutar. Assim, preso e jurado de morte por diversas vezes, o líder camponês teve o destino que a maioria dos líderes camponeses da época tiveram. Até que, na tarde de segunda-feira do dia 02 de abril de 1962 quando voltava de João Pessoa de ônibus, que havia ido comprar o material escolar de seus filhos, na BR-230, em uma covarde emboscada com um policial e dois capatazes de um grande latifundiário da região, tiraram-lhe a vida.

É necessário registrar aqui o depoimento de sua companheira de luta e esposa Elizabeth sobre o acontecimento apresentado por BANDEIRA et al, (2012):

Eram prisões... à noite, muitos tiros em volta da nossa casa, até que chegou o momento em que botaram a emboscada e tiraram a vida de João Pedro. Quando eu cheguei, tomei conhecimento que João Pedro tinha sido morto. Cheguei até Sapé e ele já estava na pedra, peguei na mão dele e disse: João Pedro, muitas vezes você me perguntava se eu continuava sua luta, eu nunca tive voz pra responder que continuava, mas a partir de hoje eu vou continuar a sua luta para o que der e vier.

João Pedro deixou as Ligas sob os cuidados de sua companheira, onze filhos. A luta, materializada através da Liga de Sapé, da qual Elizabeth se tornou presidente e o próximo alvo dos militares. A jornada de Elizabeth após isso não foi fácil. Marluce, a filha mais velha do casal com apenas 18 anos, suicidou-se meses após o assassinato de seu pai com profundo desespero pela vida de sua família. Mais tarde, Paulo, um dos filhos mais novos com apenas 10 anos, foi atingido na cabeça por um jagunço de uma das fazendas da região, o deixando gravemente ferido e hospitalizado por meses.

Elizabeth precisou fugir para o Rio Grande do Norte, deixando os filhos com os irmãos e o pai em Barra de Antas. Voltou para Sapé após 17 anos com o retorno das filmagens do documentário dirigido por Eduardo Coutinho que foi iniciado no início dos anos de 1960 e foi interrompido pela repressão da ditadura militar. São dezessete anos de silêncio durante a ditadura militar, nos quais Coutinho aos poucos consegue resgatar o roteiro, os negativos do que foi filmado e oito fotografias de cena (DOREA e MALUF, 2010).

Diante disto, é necessário conhecer e considerar as forças que deram origem a diversos movimentos sociais do campo, e quais foram os fatores que tornaram essa luta coletiva em sentido de vida. Organizados em Ligas Camponesas, os trabalhadores do campo somavam forças que reagiam contra as arbitrariedades dos grandes proprietários de terra. Destes conflitos,

resultam, não raro, lutas sangrentas que terminavam com grandes perdas (PESSOA, 2015).

Contudo, corroborou com a desapropriação de terras de diversos municípios e microrregiões do nordeste, fazendo com que os pequenos agricultores tenham uma terra para trabalhar e viver de forma digna de seu trabalho, sem o pagamento do cambão e com direitos civis preservados, como o simples direito a ter educação e saúde básica.

Foi através da vontade de ter uma vida digna e compartilhar esta dignidade com todos os companheiros de luta e labuta, que o líder João Pedro Teixeira ao lado de sua esposa, Elizabeth Teixeira e seus companheiros de luta, reivindicaram o fim da exploração dos camponeses. O sentido da vida de um pobre agricultor, negro, com baixa escolaridade e que tinha apenas sua voz, que deu sentido a vida de centenas de milhares outros camponeses e entidades brasileiras desde de 1958.

Portanto, a consciência moral exige da pessoa uma resposta ao que lhe está sendo proposto, por meio da realização do ato ou atitude revelada. Ademais, as características apreendidas pela análise existencial da consciência moral podem ser identificadas também nos fenômenos da arte e do amor, que também fazem parte da dimensão noética do homem (JÚNIOR & MAHFOUD, 2001).

Com isto, foi através da dimensão especificamente humana, a dimensão noética dos camponeses, que fizeram o movimento de lutar para um bem coletivo e também através da consciência moral, que hoje estas memórias são verdadeiras riquezas dos camponeses brasileiros, de modo a não tornar essas histórias, apenas a serem repassadas, mas de maneira a utilizá-las como força e engajamento para buscar ainda mais melhorias de vida para a população do campo.

A Liga Camponesa de Sapé fez com que as ações que ocorriam de forma individual, incluíssem outros companheiros de luta que se encontravam sob mesmas situações, formando assim um corpo coletivo que ia além dos próprios interesses, mas que havia uma abertura para o outro, fazendo com que a autotranscendência ocorresse em cima de tamanho sofrimento.

Hoje, em 2022 na cidade de Sapé, mais especificamente no povoado de Barra de Antas, fica o Memorial das Ligas e Lutas Camponesas João Pedro Teixeira, que conta com o acervo escrito, fotográfico e jornalístico do que foi o movimento organizado com suas dores e conquistas, onde também é mostrado o sentido da vida destes trabalhadores combatentes dos movimentos do campo em questão: agricultores, posseiros, assentados e estudantes que compõem dois grandes movimentos camponeses presentes nos assentamentos do povoado de

Barra de Antas; a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

A conscientização dos camponeses foi formada e continua através de sua memória e história. Com o intuito de fomentar esses fatos, nasceu o Memorial das Ligas e Lutas Camponesas em 2006, e com sede no Povoado de Barra de Antas, município de Sapé – PB. O legado dos combatentes, o ímpeto de existência e resistência ficaram com as novas gerações.

O Memorial foi criado com o objetivo de preservar a memória histórica das Ligas Camponesas – seus fundadores, protagonistas, sua trajetória de lutas, seu legado de combatividade e de esperança. Bem como promover, apoiar e subsidiar as iniciativas de lutas das Trabalhadoras e dos Trabalhadores do Campo, das Águas e das Florestas, em defesa de seus direitos e do respeito à dignidade da Mãe-Terra (LIGAS CAMPONESAS, 2022).

## **2.2 Logoterapia: sentido da vida, autotranscendência e sentido do sofrimento**

A teoria de Viktor Frankl, denominada como Logoterapia e conhecida também como a “Psicoterapia do Sentido da Vida”, se baseia no confronto do indivíduo com o sentido de sua vida e o reorienta para o mesmo. A Logoterapia propõe três princípios nos quais enunciam que sob quaisquer condições a vida tem um sentido; que temos a necessidade por um sentido e tornamo-nos felizes somente quando sentimos que estamos preenchendo este sentido; ademais, temos a liberdade de preencher o sentido de nossas vidas (FABRY, 1930).

Segundo Frankl, o que de fato move o homem é a vontade de sentido. O sentido é a percepção afeto-cognitiva de valores que levam a pessoa a tomar determinadas atitudes diante de uma situação particular ou na vida com um todo, dando à pessoa coerência e identidade pessoal (MARTINEZ, 2011). Somos vistos como seres únicos durante toda a vida e passamos por diversas situações únicas, cada uma dessas situações é irreversível e tem um sentido em potencial para a pessoa que as vive.

Sendo assim, ao se ter um sentido na vida, não significa que ele irá permanecer o mesmo para sempre, ao responder à oferta de sentido que cada uma das situações que vivenciamos nos apresenta, levamos uma vida expressiva e isto requer liberdade de vontade para tomar uma decisão diante das circunstâncias cotidianas ou seletas.

Encontrar um sentido diante das situações da vida é uma tarefa complexa, mas que conta com nossa consciência e nossos valores durante esse percurso. Para Frankl (1978), a consciência se caracteriza como o órgão do sentido. A vontade de sentido é intencionada pela

consciência. Sendo assim, a consciência orienta o indivíduo na busca do sentido e o mostra se o que ele está fazendo vai gerar valor para o mundo ou não.

Os valores são o caminho para o sentido, portanto, onde há valor há sentido. Esses valores podem ser criativos, vivenciais e atitudinais. Na primeira categoria citada, o homem se realiza mediante um fazer para o mundo; na segunda, ele se realiza através daquilo que recebe do mundo (pela arte, por exemplo); já a terceira categoria, está relacionada à postura do indivíduo diante das situações da vida (FABRY, 1930).

De acordo com Frankl, todos os seres humanos irão se deparar com a tríade trágica - o sofrimento inevitável, a culpa irreversível e a morte (FABRY, 1930). Nessa perspectiva, o homem pode descobrir um sentido diante das atitudes tomadas ao se deparar com essa tríade. O indivíduo pode encontrar sentido numa situação de sofrimento, podendo escolher como reagir diante desta situação (postura negativa ou positiva). A culpa, pode paralisar ou fazer o indivíduo reconhecer seus erros diante de uma situação problema. Já a morte é aquilo que dá sentido a uma vida inteira, se não houvesse a morte a vida não teria sentido, pois saber que existe uma finitude nos move em direção a um sentido de vida e na vida.

Para a Logoterapia, o ser humano possui uma dimensão além da dimensão biopsicossocial, a dimensão noética/espiritual. A essência da existência do homem reside na dimensão espiritual, isto é, a existência propriamente humana é a existência espiritual. A inclusão das demais dimensões garante a visão completa do ser humano (MOREIRA E HOLANDA, 2010). Assim, a dimensão espiritual é compreendida como a dimensão da vivência da liberdade e da responsabilidade, não existindo liberdade sem responsabilidade.

Decidir o que se faz e escolhe, implica em ser responsável frente à própria existência, assim, a responsabilidade reforça a prerrogativa que permite ao indivíduo assumir o protagonismo de sua própria história. Desta maneira, a genuína capacidade humana de decidir e ser responsável, é o que motivará a busca por sentido, da mesma maneira que a vontade de sentido move o homem em direção ao exercício da liberdade e responsabilidade afirmando-as concomitantemente.

Torna-se evidente, que os conceitos de liberdade e responsabilidade são fundamentais dentro da logoterapia, uma vez que motivam a busca pelo sentido, são tidas como características essenciais no ser humano. Desta forma é importante ressaltar que para Frankl (2012) a liberdade deve vir sempre acompanhada da responsabilidade, pois ambos são elementos constitutivos da dimensão noética do indivíduo.

Nessa perspectiva, quando o homem passa a não encontrar sentido de vida, ele cai no que Frankl chama de “vazio existencial”, podendo ocasionar uma neurose espiritual, chamada neurose noogênica. Segundo Silveira e Grandi (2015) apud Frankl (1993, 1997, 2000), a neurose noogênica advém da dimensão noética/espiritual do homem, quando a vontade de busca de sentido é frustrada, pode se formar um neuroticismo específico, que Frankl denominou de neurose noogênica, tal neurose pode ocasionar sintomatologias como alcoolismo, drogadição, violência, depressão e até suicídio.

De acordo com Silveira e Grandi (2015), a busca pelo sentido faz parte das necessidades humanas, porém a nossa sociedade permeia a cada dia mais a sensação aflorada de falta de sentido. Viktor Frankl acredita que o sentido da vida não é algo que pode ser atribuído ou criado por nós, uma vez que o homem está numa busca constante pela descoberta de um sentido para a vida, encontrar este sentido evita que a pessoa se desajuste e acabe adoecendo. A busca por sentido é essencial e é o que move cada um.

Sendo assim, uma das formas de encontrar sentido é por meio de valores vivenciais. Os valores vivenciais se dão a partir da experiência, acontecem quando experimentamos algo ou encontramos alguém, onde um simples momento pode dar sentido a uma vida toda, isto é, “com efeito, embora se trate de um só momento, pela grandeza de um momento já se pode medir a grandeza de uma vida”. Encontrar sentido por meio de valores vivenciais é encontrar um sentido na vida através das relações com as pessoas, com a cultura e com a arte, e através da natureza (FRANKL, 1989, p. 82).

Dentro da logoterapia, GOMES (1988), apresenta que a pessoa humana sobrevive num espaço polarizado. Existe tensão entre o ser e o dever, a realidade do aqui e o agora, juntamente com a esperança do que virá a ser. Essa teoria se apresenta nas diversas pesquisas empreendidas e apresentadas pela Psicologia e nos estudos do próprio Dr. Frankl. A autotranscendência se apresenta como fenômeno exclusivamente humano.

A busca é motivada pela esperança humana de atingir seus ideais. A realização mostra-se no ato de liberdade da procura do como viver, mas os fins não poderão justificar os meios, importando a forma como chegamos a atingir nossos ideais. (GOMES, 1988). Desse modo, a maneira pessoal utilizada na procura é o que nos diferencia das outras pessoas, como um modo único e irrepitível no mundo.

O modo irrepitível de se colocar frente a questões sociais, dignificam o sujeito frente às adversidades encontradas no percurso do viver e do vir a ser. O sofrimento, conseqüentemente, se torna algo inerente diante destas circunstâncias, e ao modo de funcionamento do sujeito frente aos conflitos. Assim, a busca pelo sentido se torna o próprio



sentido. Com a liberdade e com responsabilidade que são aspectos que fazem parte da vivência humana, a pessoa segue seu curso, pode alterar sua rota, podendo emprestar sua vida um sentido pessoal, podendo também transmitir este sentido à coletividade.

A pessoa que manifesta sua capacidade de ser transcendente, também é capaz de criar esperança, mesmo que esta seja utópica. Logo, como traz o autor: “À força do transcender-se não é descoberta de iluminados, mas uma fagulha que ilumina o espírito de cada ser humano.” (GOMES, 1988). A pessoa necessitando encontrar tal sentido, o qual deve ser descoberto no mundo, pois este está fora de seu próprio interior, ocorre o processo de autotranscendência. Este movimento, “Denota o fato de que o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo - seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar. Quanto mais a pessoa esquecer de si mesma - dedicando-se a servir uma causa ou amar outra pessoa -, mais humana será e mais se realizará.” (Frankl, 2018, p. 135).

A capacidade de lidar ou suportar o próprio sofrimento, é a capacidade de realizar o que Frankl chama de valores de atitude. Os valores vivenciais podem fazer com que a vida tenha sentido, mas que também tenha sofrimento. O ápice do sofrimento da família Teixeira foi a perda do pai e esposo, João Pedro. O verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, como um todo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado, visto que através da dimensão noética a pessoa não se esgota em si mesmo.

Assim, a autotranscendência se inscreve no ser humano como um movimento inerente da dimensão espiritual, propiciando ao sujeito que este possa transpor a si mesmo em prol de realizar um fazer que traga sentido à sua vida. Assim, a autorrealização só se torna possível se houver um autêntico processo de auto transcendência, uma vez que se trata de um efeito e não do objeto da intenção. Portanto, é se esquecendo de si mesmo, livrando-se da atenção egocêntrica e de demais interesses que se alcança um autêntico modo de existência. “O ser humano é capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e de mudar a si mesmo para melhor, se necessário.” (Frankl, 2018, p. 153).

Portanto, o sentido da vida precisa ser descoberto diante das circunstâncias que a vida lhe apresenta, por mais trágicas que sejam. Por isso, o homem pode se posicionar e dar respostas às perguntas que a vida possa fazer. Cada momento da vida traz uma pergunta que desafia a pessoa a responder (FRANKL, 1989).

Carvalho (2011), através de suas concepções, afirma que os aspectos verdadeiramente transitórios da vida são as potencialidades, mas assim que se realizam eles tornam-se realidades, eles são salvos e devolvidos ao passado, no qual estão seguros e protegidos do efêmero. É porque no passado nada é irrevogável, mas tudo é irrevogavelmente mantido.

### 3 METODOLOGIA

O trabalho em questão nasce do desejo de conhecer uma população que no meio acadêmico nordestino, muito se fala e pouco se acolhe. Em um primeiro momento houve a curiosidade de investigar quais os principais fatores que se apresentam no cotidiano enquanto possíveis causas de ausência de sentido e vazio existencial. Contudo, por algumas alterações no percurso metodológico, foi preciso apresentar a atuação dos líderes e como tais atuações simbolizavam as expressões do sentido da vida através de uma perspectiva existencialista.

O trabalho que aqui se apresenta, desenvolveu-se através de uma pesquisa bibliográfica acerca da vida de cinco líderes de movimentos sociais do campo, que nasceram e morreram na Paraíba, com exceção de Elizabeth Teixeira que continua viva, e aos 97 anos de idade vive na cidade de João Pessoa.

As pesquisas de materiais bibliográficos e de pesquisa, ocorreram no repositório da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Google Acadêmico e em acervos próprios de livro físicos e digitais de Logoterapia e Movimentos Sociais do Campo.

## 4 RESULTADO E DISCUSSÕES

### 4.1 Memórias do povo – Enquanto houver injustiça haverá luta!

A seguir, será feita uma apresentação biográfica da vida de 5 líderes das Ligas Camponesas de Sapé e de movimentos sociais do Campo situado no Brejo Paraibano, todos estes nascidos, viveram e vivem até o fim de seus dias no estado da Paraíba. As fontes usadas para falar dos nossos personagens foram: As Ligas Camponesas Da Paraíba: História E Memória, de Victor Gadelha Pessoa; Memórias do Povo: João Pedro Teixeira e as Ligas Camponesas da Paraíba – deixem o povo falar, organizado por Antônia M. Van Ham e colaboradores; As cores e o sangue: memórias e resistência no Brasil rural, de Maíra Lopes dos Reis e organizadores; o projeto Ligas Camponesas do Podcast Antropotretas, apresentado por Patrícia Pinheiro e colaboradores; e a obra biográfica João Pedro Teixeira - um Mártir do Latifúndio, desenvolvido pelo jornalista Nonato Nunes.

As histórias dos nossos heróis e heroínas serão pontuadas e contadas de maneira resumida, uma vez que sua atuação em vida foi ampla. Assim, serão entrelaçadas aos conceitos logoterapêuticos acima descritos, enfatizando os relatos de memórias de parentes, amigos, conhecidos e admiradores destes líderes.

#### 4.1.1 João Pedro Teixeira

“O chefe natural das Ligas era João Pedro Teixeira, em mangas de camisa e chinelas nos pés, o líder mais autêntico, homem de classe, passado por sindicatos da categoria no Rio e Recife. Sentia na carne o problema que quase desesperava os irmãos.”  
(Monsenhor Odilon Pedrosa - Memórias do Povo: João Pedro Teixeira e as Ligas Camponesas)

De acordo com Kroeff (2022), o sofrimento vivido pelo sujeito nem sempre apresenta efeitos negativos, não que estes devam ser negligenciados. Mas em muitas pessoas, a memória do sofrimento poderá despertar o desejo autotranscendente de fazer o que estiver ao seu alcance para evitar que outras pessoas vivam ou permaneçam no mesmo sofrimento, levando iniciativas que não somente evitem sofrimento, mas que beneficiem muitos outros seres humanos.

João Pedro Teixeira nasceu em 4 de março de 1918, na cidade de Pilõezinhos - PB. Nascido em uma família humilde, seu pai, também João Pedro, produzia o sustento da família através do trabalho em uma fazenda, da criação de alguns animais e poucas plantações. Admirador do pai por se dedicar ao trabalho árduo, que iniciava de madrugada e findava ao

anoitecer, gostava de ajudá-lo mesmo ainda muito jovem. Porém, quando JPT alcançou a idade suficiente para que o proprietário da fazenda ordenasse que ele executasse atividades mais pesadas, passou a dar-se conta de que o lucro elevado que o fazendeiro recebia era desproporcional às condições que ele e sua família viviam.

Fora privado de educação para trabalhar com o pai na lavoura, e mesmo em um período pós industrialização no Brasil, que já tomava grandes proporções na cidade, todos os camponeses da região, assim como ele e sua família, não conseguiram alfabetizar-se. Dentro deste contexto, Nunes (2013), pontua talvez o principal motivo pela proibição de educação por parte de latifundiários:

O aprendizado era interpretado pelos proprietários como a porta de entrada para a formação de uma consciência que poderia, num curto espaço de tempo, afastar das lavouras jovens em plena capacidade física e mental. Era a “erva daninha” que tinha de ser combatida a ferro e fogo para não “contaminar” todo o campo. Nas áreas onde imperava a monocultura da cana-de-açúcar, do fumo ou do algodão, o valor da capacidade mental era uma carta fora do baralho quando estava em jogo a produtividade e os lucros obtidos pelos proprietários de terras (p.26).

Diante disto, JPT revelou-se um trabalhador que não conseguia concordar com tantas injustiças sentidas na pele, e com posicionamento firme, começou a elaborar estratégia para acabar, com pelo menos, parte do sofrimento vivido pelos seus irmãos camponeses. A mudança e oposição eram necessárias e requeridas. Desse modo, segundo Silva (2013), João Pedro buscou juntar esforços para reivindicar perante os usineiros e ao Estado, melhores qualidade de vida e de trabalho para a humilde população do campo.

Elizabeth conta:

“Nessa época, usava-se muito o cambão. Cambão é o primeiro dia da semana dado gratuitamente ao patrão, o resto da semana o trabalhador tinha que trabalhar pelo preço que o patrão quisesse pagar, e mesmo assim, não recebia em dinheiro, recebia em vale que era descontado no barracão do patrão. A primeira região em que João Pedro derrubou o cambão foi dentro de Maraú, mas também foi a primeira região que o gado foi solto para comer a lavoura do homem do campo. Foi dentro da fazenda Maraú. João Pedro juntou os camponeses e eles passaram a noite todinha levantando uma cerca em protesto. [...] Através da união do campo, eles puderam fazer alguma coisa, eles conseguiram até eliminar o cambão. Com a união, os camponeses conseguiram eliminar o cambão. [...] Depois de Maraú, outras fazendas a seguiram e assim o cambão foi sendo eliminado” (BANDEIRA; MIELE; SILVEIRA, 2012, p.62; 66).

Frankl (1970), traz que a tensão que se apresenta ao sujeito, cuja tensão é potencializada por um sentido a ser realizado, se torna inerente ao ser humano e se torna indispensável à sua saúde mental. O que implica dizer que o incômodo que emerge ao ver tamanhas dores vividas pelas pessoas que compõem as vivências da pessoa humana, se torna insuportável ao ponto de

não haver sossego enquanto não contribuir de algum modo para que haja mudanças. Não há paz para si, ao se dar conta que não há paz para tantos outros.

João Pedro também era um homem que não deixava um trabalhador no sufoco. Se morresse trabalhador ali, ele tava de lado do trabalhador: Por isso que eu digo: ‘Nesse tempo, o dirigente da Liga era morto, que nem aconteceu com João Pedro, Pedro Fazendeiro e Nego Fuba, que eram uns homens que estavam à frente da luta dos trabalhadores. Não eram os homens que enfrentavam, ameaçavam para depois botar o trabalhador só e ele sentado no birô, não. Eles iam na frente do trabalhador. Se morresse, quem morria primeiro era ele, não o trabalhador. (Vicente Guilhermino - Memórias do Povo)

De acordo com Nunes (2013, p.50), JPT em 1944, passou um período trabalhando em uma pedreira em Jaboatão dos Guararapes - PE, com objetivo de ajudar ainda mais sua família. No ano de 1948 conheceu Francisco Julião no Engenho Galileia em Vitória de Santo Antão - PE, conhecendo também as correntes ideológicas do Partido Comunista, uma vez que ele reconhecia sua luta nas correntes ideológicas elaboradas por Julião. Filiou-se ao partido, colocando um alvo em suas costas, sabendo que a partir daquele momento ele era ‘Um cabra marcado para morrer’.

Em 1948, JPT retorna a Paraíba, indo residir em Sapé, onde conhece Elizabeth Altino, filha de um grande latifundiário da região. Começaram a namorar por cartas às escondidas, uma vez que o pai de Elizabeth não queria que ela se envolvesse com um homem pobre e preto, mas isso não impediu que Elizabeth fugisse e se casasse com ele, construindo uma família, apesar de muitas dores vinculadas às privações socioeconômicas, visto que, JPT já estava sob mira dos fazendeiros ao descobrirem seu envolvimento político com o PCB.

Após períodos fora da cidade de Sapé, mantendo certa distância da família Altino, família de Elizabeth, a família retorna em 1954. João Pedro quando voltou a Sapé, foi morar no sítio do seu sogro denominado Antas do Sono, com muitas más vontades por parte da família de Elizabeth Teixeira. Ao perceber as arbitrariedades e crueldades dos patrões para com seus trabalhadores, decidiu se mover para lutar por mudanças como relata Elizabeth na biografia da autora após a chegada do casal na fazenda Antas do Sono:

Uma semana depois, papai mandou alguns trabalhadores dele para ajudar a gente a fazer um terreno para plantação. João Pedro foi também para a cavagem dos leirões. Ali ele viu bem a situação daqueles homens. Quando chegou a hora do almoço, João Pedro ficou impressionado com que eles comeram, apenas farinha com um pedaço de rapadura, outros uma piaba assada, outros alguns carochos de feijão cozido na água e sal. Ele achava aquilo um absurdo. Como João Pedro já tinha uma ideia de organização, por causa do sindicato que ele tinha criado em Recife; na semana seguinte, ele começou a sair para andar no campo, para conversar com os trabalhadores. (BANDEIRA et al, 2012, p. 69)

A luta findou para João Pedro Teixeira em 02 de abril de 1962 com o seu assassinato encomendado, enquanto voltava de João Pessoa com materiais escolares para seus filhos. Por causa de João Pedro, as Ligas cresceram tanto que até o dia de sua morte, havia sete mil e quatrocentos associados. O mandante do crime, nunca sofreu nenhuma pena. Político e poderoso usineiro da época, Agnaldo Veloso Borges ganhou imunidade parlamentar no mesmo ano. Sua família e seu nome ainda são presentes e bastante influentes no cenário político paraibano.

Torna-se evidente o fato de que, ao fazer este movimento de dedicar sua vida à uma causa coletiva, João Pedro encontrou o sentido de sua vida. Foi o grande herói das Ligas de Sapé, eleito pelo povo e pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara dos Deputados que aprovou em 19 de julho de 2012 o Projeto de Lei 3700/12, do deputado Valmir Assunção (PT-BA), que inscreve o nome de João Pedro Teixeira no Livro dos Heróis da Pátria. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015). Diante disso, é notável, que o sentido da vida de João Pedro Teixeira, de seus companheiros de linha de frente Elizabeth Teixeira, Nego Fuba e Pedro Fazendeiro não foi em vão.

Entretanto, o título de herói foi ganho foi reconhecido apenas após sua morte, entretanto, todas ações coordenadas por Pedro Fazendeiro e Nego Fuba e tantos outros companheiros que estiveram ao lado de João Pedro, foram negligenciadas e estes foram colocados como figurantes na luta. Neste trabalho, colocaremos ambos como detentores de máxima importância para que ações de sobrevivência do povo camponês por meio de políticas públicas estatais fossem regulamentadas e aplicadas na prática.

Fica evidente nos textos logotrapêuticos fazendo um nicho com a história acima descrita, que o sentido é uma tarefa pessoal e intransferível. Então, há um paradoxo quando se atribui o fazer com sentido à uma “autotranscendência coletiva”. Contudo, se pensarmos que a transcendência é sempre um movimento de saída do ser humano para o mundo e para o outro podemos pensar nos termos propostos (KROEFF, 2022, p. 32). Assim, este sentido “se torna fundamental para a sobrevivência dos indivíduos (protege o psicofísico) e para a sobrevivência da espécie humana)” (KROEFF & AQUINO, 2020, p. 115).

O conceito de autotranscendência coletiva está intrinsecamente relacionado com a proposta de *monotropismo* em Frankl: “O saber em torno da unidade da humanidade, uma unidade que ultrapassa todas as diversidades, quer as da cor da pele, quer as da cor dos partidos (FRANKL, s.d., p.28). Diante de tais colocações, fica evidente que a responsabilidade do ser humano no âmago da Logoterapia, propaga-se, como um todo, a toda a espécie humana.

Diante de tantas adversidades enfrentadas pelo líder JPT, ele preferiu se juntar com todos os companheiros de labuta em prol de reivindicação de direitos básicos, buscando seu sentido através da transformação social, cuja ação Frankl sintetiza que somos capazes de transformar o sofrimento em triunfo humano, uma vez que “temos uma responsabilidade individual e coletiva para exercer a nossa liberdade de forma criativa, manifestando a nossa autotranscendência, com o fim de um maior desenvolvimento pessoal e comunitário” (KROEFF, 2022, p. 37).

A luta ascendeu a necessidade de uma reforma agrária no Brasil, e hoje no Brasil, ela é representada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, pelo Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, pelo Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, pelo Movimento das Mulheres Camponesas – MMC e pela Comissão Pastoral da Terra – CPT. (DESMARAIS, 2007).

Finalizaremos este tópico com uma fala de Frankl que pode ser colocada frente ao modo com que a sociedade contemporânea enxerga as ações do João Pedro líder corajoso: “permitam-me lembrá-los das palavras de Lao-tsé: ‘ter completado uma tarefa significa tê-la eternizado’. Eu diria que isso vale não apenas para a conclusão de uma tarefa, mas também para nossos sofrimentos enfrentados com bravura” (FRANKL, 2020, p.107).

#### ***4.1.2 João Alfredo Dias***

Nego Fuba, era o porta-voz e de longe o melhor orador da Liga Camponesa de Sapé, e por ter boa desenvoltura e apoio do povo, em 1963 foi eleito vereador de Sapé pelo PCB com mais de 3 mil votos, mas não chegou a tomar posse pois foi levado pelos militares junto a Pedro Fazendeiro, onde foi preso em uma emboscada que foi considerada por muitos como última prisão que tirou a vida dos dois amigos. Como organizador das Ligas de Sapé, sua jornada foi repleta de perseguições devido ao seu trabalho político com os camponeses.

Nego Fuba como era conhecido pelo povo por ter cabelos crespos e pele escura, era camponês e sapateiro, chamado de intelectual pelos companheiros de luta. Começou a trabalhar muito jovem como sapateiro, mas já se mostrava engajado na luta política. Após a morte da mãe foi morar só, e algum tempo depois passou a morar com sua irmã Marina Dias.

Marina comparecendo a oitavas organizadas pela CEVPM/PB e publicado através de PESSOA (2013), conta que em 1961, João Alfredo fez um curso que equivale ao técnico de

enfermagem nos dias de hoje, passando a atuar no Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (SAMDU).

Assim, através de um relato de um historiador participante do episódio Desamparo do Antropotretas (2022), dentro do SAMDU, Nego Fuba, utilizando-se de seus conhecimentos enquanto um dos dirigentes da Liga de Sapé, e enquanto profissional da saúde, junto à um amigo que era o avô do depoente, que dirigia a ambulância da cidade sem levantar qualquer tipo de suspeita, usava seu ofício para ajudar o povo com suas enfermidades, e aproveitando as longas jornadas viajava buscando e levando verbas levantadas entre os próprios camponeses para manutenção da sede e suas filiais, bem como para ajudar os trabalhadores do campo e seus familiares com serviços de saúde.

Abertura ao outro e ao mundo, são de possíveis identificação através da narrativa de um morador de Sapé em uma entrevista promovida por Van Ham (2006), e organizadores:

“[...] Quando da criação das Ligas Camponesas me lembro de uma palavra de João Fuba dizendo: ‘Olha, estou deixando aumentar mais o movimento das Ligas pra ver se eu consigo uma determinada arrecadação, que pagava uma pequena mensalidade mensal pela carteira da Liga, que conforme arrecadação eu vou contratar um dentista para extrair dente dos filhos da esposa e dos próprios camponeses.’”  
(Expedito Maurício da Costa).

Marina Dias em entrevista à autora no mesmo ano, em 2006, acrescenta: “Ele falava que estava ali para defender os pobres, a Liga Camponesa. (...) João Pedro Teixeira morreu, mas a luta continuou. Aí ele se candidatou para vereador em 1963, foi um dos mais votados.”

Quando se fala em pessoas importantes na história, seja por uma luta coletiva, por um grande feito, não se pensa em como ela mensurava sua existência em vida. Transcender-se à sua vida, implica dizer que o sujeito está orientado para além dos seus próprios limites. Quando estes valores não se esgotam, o tato se expande na aquisição de novos valores, e o fazer social dá sentido à existência, e mesmo que seja curta seja. “[...] em profundidade, na medida em que aponta para valores e em largura por apontar para a comunidade” (FRANKL, 1946). Tais colocações poderiam ser colocadas em cada tópico dos nossos heróis e heroínas paraibanas.

Contudo, ter liberdade de direcionar sua existência a algo ou a alguém requer responsabilidade, e como fora mencionado anteriormente, não há liberdade sem responsabilidade. O sofrimento pode estar inerente às consequências de seu ser-fazer no mundo. Apesar de tamanha transcendência e reconhecimento, sem culpabilização alguma das vítimas aqui mostradas, a dor e o sofrimento se tornaram inerentes ao seu fazer no mundo.



João Alfredo foi preso duas vezes, a primeira vez ficou preso por meses, e após ser solto, teve novamente em 08 de maio sua prisão decretada sob argumento de urgência e proteção da segurança nacional, com o exército já estava em atividade antes da instauração da ditadura cívico-militar. Marina sempre que podia visitava seu irmão, na última detenção, a irmã o via e conversava com ele através de uma grade, e Pessoa (2013), traz que em sua última visita Nego Fuba lhe disse algo que ficou gravado com dor:

Olha Marina... quando eu sair daqui eu estou pra sair daqui. Vão me soltar, não sei quando, mas ta... ta parecendo que eu vou sair logo daqui. Agora, quando eu sair daqui eu não vou mais dormir nenhuma noite em Sapé, eu vou embora, pode dizer ao meu pai. Aí ele falou assim: “chega de sofrer, chega de fazer você sofrer, porque nisso tudo quem tá sofrendo só é você, porque você sai de lá e vem me visitar. Ninguém vem me visitar, só você. Eu não tiro a razão do meu pai – porque meu pai trabalhava na roça, né – e nem tiro a razão do meu irmão, porque eu sei lá tudo... e só você que vem me visitar”. Essa frase ficou gravada em mim: chega de sofrer! Aí eu falei assim: “meu irmão, você vai fazer... vai me dá esse gosto, você vai embora?” E ele falou: “vou, eu te prometo que vou”.

Apesar de muito ser solicitado pelos irmãos e o pai para que João Alfredo fosse embora para o Rio de Janeiro, custeado por eles, ele se manteve firme dizendo que não iria se acorvadar da luta. Contudo, ao não suportar o sofrimento de Marina, sua irmã mais nova, a quem tinha tanto apreço, em vê-lo em tais situações, prometeu-lhe que ela iria parar de sofrer por vê-lo em tais condições. Infelizmente, Marina nunca mais viu o irmão. Ela conta que todo dinheiro que ele recebia dos trabalhos que fazia no SAMDU ele dava uma parte para ela, sempre com o objetivo de ajudá-la, ele dizia que queria cuidar dela.

No depoimento registrado por Pessoa (2015), Marina conta que o Estado a indenizou pelo que aconteceu com seu irmão, e pelo sofrimento gerado a ela e a sua família e diz:

“Quando eu falo pras pessoa, tem uma pessoa muito amiga lá na vila, uma amiga, eu falei assim: “porque hoje eu vivo... porque tá certo que hoje eu ganho dois salários, mas eu vivo melhor por causa do dinheiro que eu recebi dele, porque?” Aí eu digo sempre assim: “meu irmão tinha tanta, tanta vontade de me ajudar, que morreu, desapareceu e ainda tá me ajudando! Eu sempre agradeço a Deus e rezo muito por ele.

Em 10 de setembro, o jornal Correio da Paraíba, noticiou duas pessoas carbonizadas com sinais de tortura e enforcamento, próximo a uma estrada que liga Campina Grande à Caruaru. Marina Dias reconheceu os corpos pelas roupas, através da foto do noticiário como sendo os de Pedro Fazendeiro e Nego Fuba. O crime nunca foi solucionado.

Poderemos finalizar esse tópico com a afirmação do autor atribuída ao sofrimento dos nossos líderes com o desespero de seu povo camponês: “o desespero deles deriva em cada caso, da dúvida sobre se o sofrimento tem sentido. O homem está pronto e aberto a pôr sobre os

ombros qualquer sofrimento, na medida em que consegue ver um sentido nele” (FRANKL, 2020, p. 75).

#### **4.1.3 Pedro Fazendeiro**

“O que dizer de você que não conheci, que tão pouco vi e quase não convivi, é só falar da saudade, saudade do que não tive, do Homem bom companheiro, do Pedro pai amigo, do refúgio no abrigo do abraço protetor que a ditadura roubou. São 5 filhos de Pedro, sendo eu a derradeira, quase nada me sobrou, pois, as alegrias de filha a ditadura tão desumana, tão crua, brutalmente me fraldou. roubou a paternidade e em órfã me tornou. O meu coração ainda sofre e chora essa dor, a dor da saudade do direito suprimido, de ao seu lado ter crescido. Seus abraços e carinhos recebido, vê-lo sorrir de alegria (Poesia recitada por uma das filhas de Pedro, citada por ANTROPOTRETAS, 2022).

Pedro Inácio Araújo, nasceu em Itabaiana em 1909, era trabalhador rural e sapateiro. Foi uma liderança muito ativa no Partido Comunista Brasileiro - PCB, e nas Ligas Camponesas de Sapé ao Lado de JPT e Nego Fuba, na qual foi vice-presidente da Liga antes mesmo de 1964. Vivia em Miriri, uma das principais concentrações de camponeses da região de Sapé (PESSOA, 2015. p. 139).

Segundo o Relatório da Comissão Estadual da Verdade, Pedro foi um dos 131 paraibanos torturados e mortos pelo golpe militar brasileiro. A seguir, iremos transcrever o relato de uma das filhas de Pedro Fazendeiro, Náugia Araújo, durante a comissão Estadual da verdade. Eles deram o depoimento no dia 11 de abril de 2014.

Essa parte é uma das poucas memórias que eu tenho de estar com meu pai. Eu estive pouco com ele. Lembro que ele chegava em casa com algumas famílias que eram expulsas das fazendas, das usinas, e elas recorriam ai meu pai porque ele era muito tranquilo. Pai era um camarada calmo, muito sensato, a fala dele não trazia nada de violência, tudo dele era com mansidão. Essa lembrança é muito boa, era um homem de muita paz, muito tranquilo, ele tentava resolver toda situação com mansidão, inclusive com os latifundiários da várzea, era muito pacato. E as pessoas chegavam lá em casa numa situação muito difícil, chegavam pra contar a situação que tinha sido expulsas sem direito a nada e tinham perdido toda a lavoura que plantavam, e procuravam o meu pai. E eu lembro que meu pai ia procurar os grandes latifundiários pra conversar. [...] Eu lembro que quando essas famílias chegavam lá em casa muitas vezes era na hora do almoço, e era a hora que mainha, ela ia pôr o almoço da gente, ia colocar, cada um o seu pratinho, e meu pai mandava suspender na hora e dizia que a gente podia esperar, depois ela fazia alguma coisa pra a gente comer, que alimentasse as pessoas que tinham chegado, e algumas vezes, nós ficamos sem alimentação, mas as famílias que chegavam lá em casa nunca saíram sem serem socorridas. Eu lembro que meu pai era tão bom de conversa que eu lembro que algumas vezes mãe dizia assim: Ofereceram legenda partidária e dinheiro pro teu pai mudar de partido e ele não mudou. Sempre tinham essa conversa de o latifúndio tentar conquistar meu pai pra apoiá-los. E ele permaneceu firme, e é uma coisa que eu admirei, admiro e vou continuar admirando pro resto da minha vida. Ele tinha esse ideal, e ele lutou até o fim. Naquela época a polícia não precisava de um mandado pra invadir a casa de um camponês, eles invadiam e pronto, se achavam o dono da

situação. Fazia tudo com apoio e sob ordem dos latifundiários. E eu lembro bem que eles entravam e procuravam, reviravam tudo, e quando não encontravam nada, e quando encontravam um saco de farinha, um saco de arroz, eles saíam rasgando tudo. Tudo isso me traz à memória, que meu pai era um herói. Era uma situação que me deixava com muito medo e outras vezes muito orgulhosa. Eu lembro que um dia eu fui chegando em casa, eu tive um grande susto, porque eu encontrei meu pai saindo de casa, ele estava escondido. E eu perguntei ao pai: pra onde o senhor vai? Ele alisou minha cabeça e disse: filha, eu vou ali, mas volto logo. E o ali dele e o volto logo dele nunca aconteceu.

Uma das principais características da existência humana está na capacidade de se elevar acima dessas condições, de crescer para além delas. O ser humano é capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e de mudar a si mesmo para melhor, se necessário (FRANKL, 2008. p.153). O elevar-se para além das situações que degrada a sobrevivência humana, é algo que torna o indivíduo um ser exemplar, assim, como Frankl, que encontrou o sentido da sua vida ajudando outras a encontrar o sentido de suas vidas, nossos heróis paraibanos batalhavam com o povo que tinha para não deixar seus companheiros trabalhadores não sofrer sem o pouco que tinham.

Nosso autor traz:

É claro que as pessoas exemplares que podem e devem atuar através de seu ser estão em minoria. Isso o nosso pessimismo sabe. Mas é justamente isso que distingue o ativismo contemporâneo, é justamente isso que distingue a inaudita responsabilidade dos poucos. Tudo reside no ser humano individual, apesar da quantidade, no máximo, diminuta de pessoas da mesma opinião; e tudo reside no fato de que ele realiza na prática – e não com meras palavras – o sentido da vida conforme o seu próprio ser. Portanto, trata-se apenas de contrapor àquela propaganda negativa da época recente, àquela propaganda do absurdo, uma propaganda que deve ser, em primeiro lugar, individual e, em segundo lugar, ativa. Somente desse modo ela é capaz de ser positiva. (FRANKL, 2022. p. 22)

Pedro teve papel fundamental na luta pela reforma agrária, esteve ao lado de Elizabeth quando esta assumiu a presidência da Liga de Sapé. Era um articulador, justo, bondoso, e que deixou saudade de seus filhos que ainda lembram de sua coragem e bondade. A seguir um poema escrito Náugia:

Como criar seus cinco filhos Maria?  
 Na angústia de saber que Pedro, pai, provedor,  
 Fora tiranizado pela lei da ditadura,  
 A lei que ditou tão dura, martírio e morte,  
 Do Pedro que honra e paz proclamava,  
 Sim! Por causa desta lutava, vida, paz e honradez,  
 Aos amigos, companheiros camponeses,  
 Torturados, humilhados, indefesos,  
 Por algozes e covardes capatazes.  
 (Náugia Araújo apud PESSOA, 2013)

## 4.2 Mulheres camponesas - Eu marcharei na tua luta!

A atuação das mulheres nos movimentos sociais do campo ainda é pouco abordada na literatura. Em buscas nos sites de materiais científicos a respeito, poucos são atribuídos a elas. Tendo como base a ausência e o papel imprescindível e pouco falado da atuação feminina nas ligas camponesas paraibanas, apesar de muitas esposas, filhas e netas terem se implicado no processo, não poderíamos deixar de falar de dois grandes nomes do século XX e XXI no cenário político da luta pela reforma agrária no Nordeste Brasileiro. São elas: Margarida Maria Alves e Elizabeth Teixeira.

De acordo com Pessoa (2015), através dos diversos depoimentos concedidos à Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba no ano de 2014, foi percebido que as mulheres não tinham uma participação tão assídua no movimento como os homens. Sua atuação era prestando apoio nas confecções das carteirinhas das Ligas. “Os motivos são diversos, desde a cultura social do período que relegava às mulheres o espaço do lar, onde deveria trabalhar nos serviços domésticos e na criação dos vários filhos, até a cultura machista que dificultava a participação das mulheres em movimentos de luta política” (PESSOA, 2015, p. 122).

Para introdução do lugar dessas mulheres na luta do campo e como podemos associar a luta junto a logoterapia, traremos uma poesia que narra os valores atribuídos ao fazer social no combate às injustiças em seu contexto, aquilo que fica diante do sofrimento inerente a tais dificuldades e que transpõe as barreiras do tempo e da brutalidade humana. Quitéria Cunha, assentada da reforma agrária no município de Cubati (PB), fez uma poesia para as atividades do dia 08 de março de 2021, Dia Internacional da Mulher, fazendo-nos refletir sobre o papel da mulher nas lutas sociais, e principalmente no que diz respeito à luta camponesa:

Se um dia ficar nublado e minha voz se calar  
 Espero que tenha alguém pra luta continuar  
 Espero que as companheiras façam algo em escutar  
 Minha voz que foi forçada a neste mundo se calar  
 Minha luta vai seguir, só que em outro lugar  
 Com sede de liberdade, com força pra caminhar  
 E com uma voz afinada pra sempre poder gritar  
 Gritar pelas Margaridas forçadas a se calar  
 Pelas crianças sofridas sem ninguém pra ajudar  
 Lutar por salários justos de homens e mulheres  
 Sem deixar que lhe julgues o trabalho que fizeres  
 Lutar e fazer justiça por cada injustiçado  
 Mas que não seja preciso mais sangue derramado  
 E se isso acontecer vão ser encontrados os culpados  
 Espero que as companheiras deem a continuidade

A um trabalho bonito que ficou pela metade  
 Pois ceifaram minha vida sem ter dó nem piedade  
 Cortaram todos os meus planos e sonhos edificados  
 Cortaram as minhas raízes, mas não tomaram cuidado  
 Esqueceram das sementes que eu já tinha plantado  
 Essas sementes nasceram e aos poucos foram crescendo  
 Se espalharam no mundo com um valor estupendo  
 E tudo que eu plantei vai continuar nascendo  
 Nascer nas comunidades e nas lutas sindicais  
 Nas Marchas das Margaridas, nas folhas policiais  
 Onde essa luta nascer é importante demais  
 Que cada uma companheira que aí na terra ficou  
 Possa levar essa luta com orgulho e muito amor  
 E pra sempre multiplicar a semente que ficou  
 (CUNHA, 2021).

#### 4.2.1 Margarida Maria Alves

Margarida nasceu em Alagoa Grande - PB, em 1933. Cresceu na lavoura, e a primeira luta de sua vida foi ajudar no sustento da família em um contexto de extrema violência e desigualdade social. Para além de ser trabalhadora rural, ela foi líder sindical, se colocando na luta por direitos básicos para a população do campo, inclusive alguns já adquiridos no meio urbano, como por exemplo o pagamento do 13º trabalho, jornada de trabalho de oito horas diárias, destinação de duas horas de para o descanso e férias anuais. Margarida também encabeçou a luta de trabalhadores da região do Brejo paraibano.

No desempenho deste ofício, após ter sido tesoureira, em 1973, Margarida foi eleita para o cargo de presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande - PB. No nordeste machista e desigual, Margarida permaneceu no cargo por 12 anos, apesar de inúmeras e constantes ameaças contra sua vida e pela vida de seus familiares, num período ainda fortemente marcado pela memória das Ligas Camponesas e da repressão sofrida pelos seus membros.

*“Em seus anos de luta, nunca se registrou na Justiça uma só perda de questões trabalhistas... Fruto de sua liderança, foram aproximadamente 73 reclamações trabalhistas contra engenhos e contra a Usina Tanques” (Movimento de Mulheres Camponesas, 3 de agosto de 2005).*

Em um contexto marcado pelo analfabetismo e pela subordinação dos camponeses aos latifundiários, Margarida inova, tornando-se uma das fundadoras do Centro de Educação do Trabalhador Rural, do qual foi diretora, de 1981 à 1983, ao lado do companheiro de luta, Luís Silva, do Sindicato de São Sebastião de Umbuzeiro. Essa iniciativa marca seu esforço para promover a conscientização, o acesso ao conhecimento, direitos e o fortalecimento da

agricultura familiar, além de contribuir para o fortalecimento da luta por melhores condições de vida no campo.

Dentro da perspectiva da importância do fazer educacional, a logoterapia traz boas contribuições. Falando acerca da função da educação, Frankl afirma que esta visa desenvolver a responsabilidade. Podemos nos questionar sobre o que é a responsabilidade senão a crença de que algo que o indivíduo faz tem impacto no mundo (KROEFF, 2022, p. 30).

Assim, Frankl (1970, p. 64) complementa:

Em uma era de vácuo existencial, a tarefa primordial da educação, em vez de se satisfazer com a transmissão de tradições e conhecimento, é refinar a capacidade que permite ao homem encontrar sentidos únicos. Hoje a educação não pode se permitir seguir nas linhas da tradição, mas deve despertar a habilidade de tomar decisões independentes e autênticas.

O cerne da reivindicação das lutas dos movimentos sociais do campo, está na autonomia do sujeito oprimido através de meios que corroborem para uma vida justa, onde o trabalhador não precise continuar ‘sobrevivendo’ de cabeça baixa às crueldades da elite capitalista do Campo. Diante disso, Margarida Maria Alves se colocou na luta como intermediadora ou quem sabe a mola propulsora que tirou o latifundiário do lugar de ditador supremo, e colocou os trabalhadores e trabalhadoras camponesas num lugar de possibilidades.

Sua atuação enquanto líder e combatente, infelizmente, duraram pouco tempo. Margarida foi vítima da violência do campo no ano de 1983, assassinada a sangue frio por latifundiários donos de usinas de cana-de-açúcar da região em frente à sua casa na cidade de Alagoa Grande na Paraíba, e seu crime seguiu e segue até hoje sem qualquer resolução.

Enquanto sindicalista, defendeu a garantia dos direitos dos assalariados, sistematicamente descumpridos pelos patrões. Tornou-se, após a sua morte, um símbolo do envolvimento das mulheres na luta dos trabalhadores rurais, ficando conhecida por sua frase “Da luta eu não fujo”, pronunciada pouco tempo antes de morrer. (SILIPRANDI; CINTRÃO, 2015, p. 127).

Nas palavras de Franta (1982, p.143), “à luz desses aspectos existenciais, o indivíduo se realiza apenas na transcendência, isto é, na luta contínua para viver o sentido, que deve ser verificado não segundo as categorias ontológicas, mas segundo a própria consciência”. Algo importante de se observar, é a bravura em comum a todos os sujeitos que aqui abordamos, há um ímpeto de coragem tal, mesmo que não contínuo, pois o medo é algo presente em toda pessoa humana, que mesmo diante de ameaças explícitas, todos, se colocaram firmes

evidenciando que não se acorvadaria da luta. Todos sabiam que cada ação proposta para melhorias do campo não seria em vão. Cada palavra dita foi uma semente lançada.

O legado de Margarida permanece até os dias de hoje. Conforme conceitua Sobreira (2022), a partir do vínculo com a Marcha Mundial de Mulheres, compartilhando críticas ao neoliberalismo vigente e assolador para as minorias, foi criada em 2000 a Marcha das Margaridas. Congregando o diálogo entre os Sindicatos de trabalhadores/as Rurais (STR), as Federações dos Trabalhadores/as da Agricultura (FETAG), a Confederação Nacional de Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (Contag) e outras organizações parceiras, as Marchas que ocorrem sempre em agosto em alusão ao assassinato de Margarida, se mobilizam em caráter de denúncia, e negociação de propostas.

A mobilização das chamadas Margaridas, ocorre em caráter discursivo de ação. As lutas dos primeiros líderes de organizações sindicais do campo abriram margem para movimentos sucessórios, como foi o caso de Margarida. Em diálogo com diversos movimentos sindicais da época, e ao ter uma mulher presidindo uma organização, as mulheres camponesas começaram a se implicar, e o fato de não serem contempladas pelas leis trabalhistas que estavam em progresso na época, fez com que houvesse uma ampla criação e fortalecimento de movimentos sociais feministas na época.

Com isto, conforme Reis (2022), as inquietações das mulheres camponesas derivaram das reivindicações decorrentes dos direitos trabalhistas que lhes eram negados, resultantes do reconhecimento das agricultoras enquanto “produtoras rurais”, à garantia dos direitos previdenciários e sociais das trabalhadoras do campo, aos direitos sindicais e toda e qualquer questão relacionada à saúde da mulher. Dessa maneira, com garra e marcha, as mulheres camponesas obtiveram grandes conquistas, contribuindo inclusive na elaboração da nova Constituição Nacional de 1988.

Na defesa pela a ampliação de seus direitos civis, Siliprandi e Cintrão (2015, p. 119) relatam que as mulheres obtiveram duas relevantes conquistas na nova Carta de 1988: “a menção explícita ao direito das mulheres à terra e sua inclusão como beneficiárias da previdência social para todos os fins (aposentadorias, seguro saúde, licença-maternidade) na condição de seguradas especiais”.

Margarida foi responsável por dar voz a várias mulheres a buscarem e lutarem por melhores condições no campo, assim como fez João Pedro e tantos outros combatentes. Hoje, A Marcha das Margaridas é a maior mobilização de mulheres da América Latina. “As margaridas, que são extrativistas, assentadas, camponesas, quilombolas, indígenas, etc.,

marcham em busca de desenvolvimento sustentável, autonomia e liberdade” (FERREIRA, 2018, p.49).

#### **4.2.2 Elizabeth Teixeira**

Elizabeth nasceu no dia 13 de fevereiro de 1925, na cidade de Sapé. Foi a primeira de nove filhos de Manoel Justino da Costa e Altina Maria da Costa. Em uma entrevista no ano de 1991 às organizadoras da obra “Eu marcharei na sua luta”, Elizabeth conta:

“Eu fui a filha mais velha. O desejo de meu pai era que eu nascesse homem, ele tinha ficado satisfeito; sendo eu mulher, minha mãe conta que ele foi se adaptando. O segundo filho foi homem e para ele foi toda a alegria da vida. Como ele ficou satisfeito com esse filho homem! Quando nascia um filho homem, ele usava foguetões. Quando diziam: É homem! Poucos minutos, ouviam-se os tiros dos fogos. Mas se diziam que era mulher, não havia fogos, não havia nada” (BANDEIRA; MIELE; SILVEIRA, 2012, p.23)

Desde muito cedo a vida de Elizabeth foi marcada pelo machismo. Em casa, sua mãe que sofria com a subalternidade de um esposo arrogante, e havia Elizabeth, que foi indesejada desde o nascimento, fora impedida de estudar após cursar dois anos do primário, com 9 anos de idade, o suficiente apenas para saber escrever o próprio nome e as lições básicas de matemática. O pai proibiu de seguir com os estudos com a justificativa de que “menina grande era pra ajudar em casa”. Seu irmão continuou indo à escola, seu pai fazia questão que ele fosse.

Aos 15 anos de idade, em 1940, Elizabeth conheceu João Pedro, ele fazia compras na mercearia de seu pai e ela trabalhava ajudando-o. Manoel Justino era médio agricultor e tinha uma mercearia. Naquele ano, João Pedro já havia voltado à Paraíba e estava trabalhando nas terras dos Ribeiro Coutinho, numa pedreira no Sítio Antas em Sapé. Os funcionários do local faziam as compras de mantimentos na mercearia do pai de Elizabeth, e entre muitas visitas ao local, o pai de Elizabeth começou a notar os olhares dos dois jovens. Ali já existia um namoro, a contragosto do pai, que proibiu que ela estivesse na mercearia quando João Pedro fosse fazer as compras.

Eles passaram meses conversando por cartas, até que Elizabeth decidiu fugir com João Pedro em junho de 1942, e casaram em julho do mesmo ano. Ela conta que ele sempre foi um ótimo esposo, companheiro, pai exemplar, nunca brigaram, sempre foi paz em seu relacionamento. Contudo, a paz acabava sempre que chegavam capangas no sítio da família ameaçando João Pedro. Elizabeth conta:



“eu sofri muito ao lado dele porque, no momento em que eu via alguém bater na porta, chamar ele, alguém dizer que um advogado queria falar com ele, e não era, era capanga em volta de nossa casa, pois no dia seguinte quem passava dava notícia que a casa estava arrodada por capangas, né? E naqueles momentos que eu passava ao lado de João Pedro, saindo da sede da Liga Camponesa de Sapé, a gente passava nas calçadas e eu ouvia dizer: “Tua cabeça vai voar!” “Eta cabeça boa de bala!”. [...] e eu dizia para ele: Você não vai morrer sozinho, se botarem a porta adentro, você não morre sozinho!”.

Muito embora a vida de Elizabeth tenha sido de tamanho desespero em ver seu esposo sempre ameaçado, ela conta que nunca se arrependeu de ter casado com ele e que ela estava com ele para tudo. Prestava suporte nas ligas, carimbando as carteirinhas dos associados. Elizabeth se questiona: “Às vezes, eu faço uma análise, assim, de como é que João Pedro sustentou aquela barra tão difícil na vida?”. A logoterapia apresenta que, apesar de o sofrimento não poder ser evitado, mas ao construir uma forma diferente de vê-lo, ele acaba por se tornar suportável.

A vida de João Pedro, Elizabeth e seus filhos foi documentada no filme/documentário *Cabra Marcado para Morrer* (1984), do cineasta Eduardo Coutinho.

O documentário narra à vida e o assassinato de João Pedro Teixeira, em 1962, e teve sua viúva como uma das personagens principais. As filmagens foram iniciadas em 1964, mas com a deflagração do golpe neste ano, foram suspensas. Vinte anos depois, toda a equipe técnica e o elenco reuniram-se novamente e concluíram o longa, em 1984. O filme chegou a receber doze prêmios, dentre eles o VI Festival do Novo Cinema Latinoamericano, na categoria de Melhor Documentário, em Havana, Cuba. O diretor, Eduardo Coutinho, foi considerado um dos maiores documentaristas do Brasil (PESSOA, 2015, p. 92).

No ano de 1962, tudo estava explicitamente mais difícil para a família Teixeira. Em um domingo de caminhada entre as fazendas próximas a Sapé, João Pedro virou-se para Elizabeth e disse: “A luta é muito difícil, companheira. Sei que vou tombar. Você continua minha luta?”. Elizabeth conta que nunca teve coragem e oportunidade de responder-lhe.

Em 03 de abril de 1962 quando Elizabeth e seu filho Abraão souberam da morte de João Pedro, foram até o hospital em que estava seu corpo. E em meio a dor de vê-lo no mármore do necrotério disse-lhe: “João Pedro, por mais de uma vez você me perguntou se eu daria continuidade à sua luta, e eu nunca te dei a minha resposta. Hoje eu digo, com consciência ou sem consciência de luta, eu marcharei na tua luta, João Pedro para o que der e vier!”.

Elizabeth se tornou presidente da Liga de Sapé de 1962 a 1964, quando teve que fugir da Paraíba para o Rio Grande do Norte para não ser assassinada.

“tinha que estar lá, presente saber dos problemas e entrar no campo, para defender o homem do campo, quando havia desentendimento com o proprietário, tinha que entrar

nas fazendas e procurar saber como estavam as relações de trabalho, de ajuda ao companheiro quando estivesse doente e sem poder trabalhar, providenciar atestado de óbito e enterro. Isso era tudo tarefa nossa.”

Elizabeth não abandonou seus companheiros da terra, e lutou, sofreu ameaças, prisões e agressões, mas muita gente foi salva pela bondade e relevância que Elizabeth e seus membros tinham para com o trabalhador da terra. Recebeu solidariedade das ligas de todo o Brasil, além de dezenas de movimentos estudantis e sindicais, que se fizeram presente ao lado de Elizabeth, no momento de fragilidade que foi a perda de seu honrado líder. Pouco tempo após, com a chegada dos militares em Sapé com a instauração do golpe militar, Elizabeth foi presa, e após ser solta, precisou ir para não ser assassinada, para o Rio Grande do Norte com seu filho caçula, Carlos. Com a ascensão da ditadura, pouco podia ser feito quando se tinha um alvo nas costas.

Elizabeth conta que em meio a tantos atentados contra sua família, antes de ir para o Rio Grande do Norte, o desespero havia tomado conta de si. O filho mais novo Carlos foi rejeitado pelo seu pai e seus irmãos, pois diziam que era a cara do pai, João Pedro. Sem saber o que fazer, para onde ir, ameaçada e sem recursos, Elizabeth tentou suicídio:

“Tudo foi muito duro, para todos, para mim e para meus filhos. Em cada reencontro voltava tudo na minha cabeça, a dor de me ver obrigada a deixar meus filhos, deixar tudo para trás para salvar uma vida, para salvar uma criança. Se meu filho não tivesse sido rejeitado como foi, se fosse só por mim, pela minha vida, eu teria me suicidado ali na estrada de Sapé, no dia que fugi para Recife<sup>1</sup>. Mas deixa que o choro agoniado do Carlos, agarrado nas minhas pernas, trouxe-me de novo para a vida”.

Carlos, enquanto fio condutor, que fez que Elizabeth desistisse de sua fuga da imensurável dor, se apresentou como um sentido a ser acolhido por sua mãe. Diante disso, conforme Simões e Sá (2022), pelo sentido do amor que orienta à mãe pelo seu filho, faz com que esta transcenda e vivencie, mesmo em meio aos percalços, este valor cheio de propósito.

Em São Rafael - RN, trabalhou como empregada doméstica, lavadeira e também ajudava na alfabetização das crianças da comunidade, sempre enfatizando a importância do trabalhador e a necessidade de uma reforma agrária justa. No ano de 1985 foi morar com seu filho Abraão, após 17 anos sem vê-lo. Com a finalização do filme “Cabra marcado para morrer”, Elizabeth pôde voltar para a Paraíba e reencontrar os seus filhos. Esse reencontro só foi possível com a ajuda de Eduardo Coutinho, que contactou todos eles contando que sua mãe estava viva, se apresentava como Marta Maria da Costa, mas estava escondida no Rio Grande do Norte.

As memórias de Elizabeth, ditadas por ela mesma e escrita na obra *Eu marcharei na tua luta*, reeditado em 2012 e lançado pela Editora da Universidade Estadual da Paraíba, EDUEPB, apresenta a vida de Elizabeth e João Pedro. Suas memórias são costuradas de uma maneira

muito única e intimista, com a presença de recuos e pausas, esquecimento, mas que nessa narrativa é possível identificar, valores, a necessidade de mudança frente ao inevitável, de modo a notar um amadurecimento tal diante do sofrimento, que foi possível guardar o bom, e ir além de si para que houvesse vida para sua família e companheiros de dores.

As várias identidades assumidas por Elizabeth Teixeira ao longo da sua vida a colocaram como responsável por decisões que até então não eram vivenciadas pelas mulheres. Nas décadas de 1950 e 1960, o papel da mulher ainda estava muito restrito ao espaço doméstico. O acesso ao espaço exterior à casa ainda não contava com a participação feminina. Mesmo assim, Elizabeth Teixeira ousou romper com os padrões estabelecidos para a representação da mulher nesse contexto social (LIMA, 2014, p.51).

Bandeira (2012), aponta que na vida de Elizabeth havia a presença de um engajamento político que acabou por possibilitar e conferir um sentido que sobrepujou o sofrimento individual. Em meio a dor do luto, de vários lutos, ela ergue sua voz para não desamparar os seus e tantos outros. E analisa que a capilaridade existencial que constitui sua vida se apresentou de inúmeras formas, através da: “Visibilidade desta vida às dores, aos medos e às perdas, aos clamores sufocados e contidos dia e noite, noite e dia, que apesar de tudo não a derrubaram, que ainda a mantém flexível como a palmeira” (BANDEIRA, 2012, p. 201).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo de construir o presente trabalho se deu através do conhecimento do papel dos trabalhadores e trabalhadoras camponesas para manutenção e desenvolvimento da sociedade como um todo. Nasce na metade do curso de psicologia, ao fazer parte de um projeto de extensão proposto pelo curso de sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, organizado e orientado pelo professor Francisco de Assis Batista. Foi buscando em uma outra ênfase acadêmica o aprofundamento da atenção ao sujeito rural, uma vez que, dentro do campo teórico e prático de atuação do profissional da psicologia, hoje ainda é muito escasso o desenvolvimento no meio rural, que cresceu a vontade de acolher as demandas biopsicossociais dos nossos companheiros camponeses.

A proposta inicial foi fazer uma pesquisa de cunho qualitativo, descritivo e exploratório, com desenho de estudo do tipo transversal, direcionada a trabalhadores e trabalhadoras do campo, maiores de 18 anos, residentes de dois assentamentos que ficam na região de Barra de Antas em Sapé -PB, e que seriam captadas por conveniência, através do apoio e divulgação de membros e educadores que compõem a rede de apoio do Memorial das Ligas Camponesas. Entretanto, a pesquisa não foi possível por atraso no parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos. Assim, a pesquisa se desenvolverá em breve com a produção de um projeto para seleção de mestrado. Apesar das alterações de planos, a temática não poderia ser abandonada.

Apesar de muitas conquistas, de ter o reconhecimento de seu trabalho preservado pelo Estatuto do Trabalhador Rural e de outras políticas que assegurem que estes tenham seus direitos mantidos e efetivados, a comunidade ainda é muito carente. A importância de ter costurado as vivências dos nossos líderes com a logoterapia foi de máxima necessidade, foi possível ter uma percepção existencial e fenomenológica a respeito de sua atuação, luta e combate para que haja ao menos o básico para as famílias camponesas. O processo de autotranscendência é especialmente único, modifica o sujeito que transcende, e modifica os componentes da jornada destes sujeitos.

Conceber tais fatos e memórias de líderes camponeses fazem com que alguns estigmas que rodeiam sua história sejam desconstruídos, ao vê-los essencialmente como pessoas humanas, que foram vítimas de crueldades, mas que tanto fizeram pela sociedade. Utilizamos como suporte histórico e teórico diversas obras fantásticas, que valem muito a pena debruçar-se para melhor compreensão da luta do campo e da logoterapia enquanto ciência também revolucionária. Conforme explicado anteriormente, o trabalho se desenvolveria através de uma pesquisa, onde traríamos a importância dos pioneiros das Ligas, mas que houvesse uma busca

sobre quais lacunas ainda estão presentes e que impactam diretamente no sentido de vida dos camponeses assentados na comunidade de Barra de Antas em Sapé - PB.

Diante desta necessidade, onde ainda há a carência de desenvolver pesquisas que deem margem para traçar objetivos que ajudem a comunidade, foi possível conversar com alguns educadores que cumprem um papel socioeducativo organizado e promovido pelo Memorial de Ligas e Lutas Camponesas, nas quais foram verificadas a inópia necessidade de uma psiquiatria mais acessível, trabalhos psicoterapêuticos com as crianças da escola local, visto que, se verifica neste diálogo um alto número de crianças com algum tipo de transtorno neurológico e psicológico.

Lembro-me de conversar com Cosmo, educador do MLLC, e ele contar que dentro de suas salas de aula há pelo menos cinco crianças e adolescentes com algum tipo de déficit ou deficiência intelectual que não têm o acolhimento necessário das políticas de saúde mental do município. Ouvir isso foi preocupante. Suas famílias que vivem com pouco ainda sentem na pele o sofrimento de serem posseiras no latifúndio, são famílias assentadas. Falta saúde, faltam cuidados, falta o básico. Ainda há necessidade de cuidado em todas as instâncias.

A logoterapia enquanto referencial teórico escolhido por mim para compor minha atuação profissional, é uma teoria humanista e humanizadora, que acolhe o sujeito em sua integralidade, vendo-o como único, insubstituível e irrepetível. Ora, onde se encontra essa visão em uma comunidade que ainda luta por questões básicas de bem estar socioeconômico? Onde estão as políticas que possibilitem a atuação de tantos profissionais que querem lutar junto a estas pessoas? É válido salientar que, sem memória não há história, e toda memória que faz parte da comunidade de Sapé, é repassada e conscientizada por muitos de maneira honrável. Mas esta citada acima, é apenas uma das diversas lacunas que permanecem por negligência estatal.

## REFERÊNCIAS

ANTROPOTRETAS: **Projeto Ligas Camponesas**. [Locução de]: Patrícia Pinheiro e Camilla Iumatti. [S.l.]: Ligas Camponesas, 21 out. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://antropotretas.com/category/projeto-especial/ligas-camponesas/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Ceará: UFC, 2007. p 1-21.

BANDEIRA, L.; MIELE, N.; SILVEIRA, R.. **Eu marcharei na tua luta!**: a vida de Elizabeth Teixeira. 2º ed. Campina Grande, 2012.

BARRETO, Lêda. **Julião, Nordeste, Revolução**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963.

DESMARAIS, A. **La via campesina**: globalization and the power of peasants. Halifax: Fernwood, 2007.

DOREA, Joana de Conti; MALUF, Sônia Weidner. **A dona da história**: A dona da história: trajetória de Elizabeth no filme Cabra marcado para morrer. Santa Catarina: ANTOPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO, 2010. Disponível em:

<https://antropologiaprimeiramao.paginas.ufsc.br/files/2011/06/121.-DOREA.-Joana-de-Conti.-e-MALUF.-S%C3%B4nia-Weidner.-A-dona-da-hist%C3%B3ria-trajet%C3%B3ria-de-Elizabeth-no-filme-Cabra-marcado-para-morrer.-2010.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.

FABRY, Joseph. **Qual o sentido da vida?**. In: FABRY, Joseph. A busca do significado. São Paulo: Ece, 1930. p. 57-78.

FERREIRA, A. P. de M. **Mulheres camponesas**: processos educativos em meio ao trabalho. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 25.ed. São Leopoldo: Sinodal. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, V.E. (1946). **Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia**. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 88: “en profundidad en quanto apunta a valores o en anchura en la comunidade”.

FRANKL, V. E. (1978). **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar.us.

FRANKL, Viktor, (1978a). **O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver**. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 74.

FRANKL, V. E. (1989). **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial**. São Paulo: Quadrante.

FRANKL, V. E. (2011). **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia**. São Paulo: Paulus.

FRANKL, V. E. (2012). **Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.

FRANKL, V. E. (2015). **O sofrimento de uma vida sem sentido**. São Paulo: É realizações.

FRANKL, V. E. **O Homem Em Busca de Sentido**. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 77. 17.

FRANKL, V. E. (2018). **Em busca de sentido**. (43ª ed.) Editora Sinodal: Vozes. (Trabalho original publicado em 1984).

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e existencialismo: Textos selecionados em logoterapia**. São Paulo: É Realizações, 2020.

FRANKL, Viktor E. **Sobre o sentido da vida**. Edição Digital. ed. atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. 107 p. ISBN 978-65-5713-467-2.

FRANTA, H. (1982). *Psicologia della personalità: Individualità e formazione integrale*. LAS.

GOMES, José Carlos Vítor. **A Prática da Psicoterapia Existencial: uma aproximação a obra de Viktor Frankl e o movimento humanístico existencial da Escola de Viena**. Petrópolis: Vozes, 1988. 158 p. v. 1.

GUEDES, K. C., & GAUDÊNCIO, E. O. (2012). **Trabalho e Logoterapia: análise existencial da situação de desemprego**. Revista Logos & Existência, 1(1), 26-37.

JULIÃO, Francisco. **Que são as ligas camponesas?** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

KROEFF, P., & AQUINO, T.A.A. (2020). **Logoterapia: uma psicoterapia com Ciência e Arte**. In A. Pontes, D. Santos, & C. Duarte. *O legado de Viktor Frankl - Caminhos para uma vida com sentido*. Ribeirão Preto: IECVF.

KROEFF, Paulo. **A autotranscendência na Logoterapia de Viktor Frankl**. Separata de: SANAGIOTTO, Vagner; PACCIOLO, Aureliano. *A autotranscendência na Logoterapia de Viktor Frankl*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. v. 1, cap. 1, p. 21 - 38. ISBN 978-65-5713-496-2.

LEMOS, F. **Nordeste: o Vietnã que não houve – Ligas camponesas e o golpe de 64**. 2º ed. João Pessoa, 2008.

LIMA, G.F.N. **O discurso político sob a perspectiva da análise do discurso em eu marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira.** Orientador: Prof. Ms. Marcelo Vieira da Nóbrega. 2014. 55 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB, 2014. DOI <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/9652>. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/9652>. Acesso em: 28 jul. 2022.

JÚNIOR, Achiles Gonçalves Coelho; MAHFOUD, Miguel. **AS DIMENSÕES ESPIRITUAL E RELIGIOSA DA EXPERIÊNCIA HUMANA: DISTINÇÕES E INTER-RELAÇÕES NA OBRA DE VIKTOR FRANKL.** Psicologia USP, Minas Gerais, ano 2001, v. 12, n. 2, p. 95-103. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/63374/66117>. Acesso em: 13 abr. 2021.

MARTINEZ, E. (2011). *Los modos de ser inauténticos: Psicoterapia centrada en el sentido de los trastornos de la personalidad.* Bogotá: Manual Moderno.

MEMORIAL DAS LIGAS CAMPONESAS. **O Memorial**, 2022. Fundação e objetivos da instituição. Disponível em: [https://www.ligascamponesas.org.br/?page\\_id=112](https://www.ligascamponesas.org.br/?page_id=112). Acesso em: 13 abr. 2022.

**Memórias do Povo: João Pedro Teixeira e as Ligas Camponesas da Paraíba – deixem o povo falar.** João Pessoa: Ideia, 2005.

MIRANDA, Thiago. **Câmara aprova inclusão de João Pedro Teixeira no rol de heróis da pátria** Fonte: Agência Câmara de Notícias. 2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/468642-camara-aprova-inclusao-de-joao-pedro-teixeira-no-rol-de-herois-da-patria/> Acesso em: 18 abr. 2022.

MOREIRA, E. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semiárido paraibano.** Revista NERA, Presidente Prudente: Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária, n. 10, p. 72-93, 2007.

NETTO, José Paulo. **Pequena história da ditadura brasileira (1964-1985).** São Paulo: Cortez, 2014.

NUNES, N. S. **João Pedro Teixeira: um mártir latifundiário.** João Pessoa: Idea, 2013. 222 p.

NUNES, P. G. A. et al. **Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba - Relatório Final.** João Pessoa, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/arqui/Downloads/CEV-PB\\_Relat%C3%B3rio%20Final.pdf](file:///C:/Users/arqui/Downloads/CEV-PB_Relat%C3%B3rio%20Final.pdf) Acesso em: 16 abr. 2022.

PESSOA, Victor Gadelha. **AS LIGAS CAMPONESAS DA PARAÍBA: HISTÓRIA E MEMÓRIA.** Orientador: Paulo Giovani Antonino Nunes. 2015. 260 f. Monografia (Mestrado de História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8366>. Acesso em: 19 abr. 2022.



RANGEL, Maria do Socorro. Territórios de confronto – **Uma história da luta pela terra nas Ligas Camponesas**. In: LARA, Sílvia Hunold e MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Direitos e Justiça no Brasil: ensaios de história social. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

Relatório da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória da Paraíba (2014). (Documento)

SANTOS, Gabriella Barbosa. **A IMPUNIDADE DOS CRIMES PRATICADOS CONTRA JOÃO PEDRO E ELIZABETH TEIXEIRA** - - LIDERES DA LIGA CAMPONESA DE SAPÉ/PBSEMOC - Semana de Mobilização Científica (8: 2005: Salvador, Ba). SEMOC - Semana de Mobilização Científica (8: 2005: Salvador, Ba), UCSAL, Universidade Católica do Salvador, p. 1-10, outubro 2005. Disponível em: <<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/2328>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SANTOS, Ana Maria Carvalho *et al.* **As cores e o sangue: memórias e resistência no Brasil rural**. 1. ed. Feira de Santana BA: Zarte, 2022. 345 p. v. 1. ISBN 978-65-88707-27-2. DOI <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34994>. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34994>. Acesso em: 27 jul. 2022.

SOBREIRA, D. N. *et al.* **As cores e o sangue: memórias e resistência no Brasil rural**. 1. ed. Feira de Santana BA: Zarte, 2022. 345 p. v. 1. ISBN 978-65-88707-27-2. DOI <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34994>. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34994>. Acesso em: 27 jul. 2022.

REIS, M. L. *et al.* **As cores e o sangue: memórias e resistência no Brasil rural**. 1. ed. Feira de Santana BA: Zarte, 2022. 345 p. v. 1. ISBN 978-65-88707-27-2. DOI <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34994>. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34994>. Acesso em: 27 jul. 2022.

SILIPRANDI, E.; CINTRÃO, R. **Mulheres rurais e políticas públicas no Brasil: abrindo espaços para o seu reconhecimento como cidadãs**. In: GRISA, C.; SCHNEIDER, S. (Org.). Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2015.

SILVA, Rodrigo Freire de Carvalho e. **O Partido Comunista Brasileiro na Paraíba: Luta de massas entre a democracia e o autoritarismo**. In: DANTAS; NUNES; SILVA (orgs.). Golpe Civil-Militar e ditadura na Paraíba: história, memória e construção da cidadania. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

SILVA, Jean Carlos Lima. **VIDA, LUTA E MORTE DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA: o mártir latifundiário e as tessituras das Ligas Camponesas na Paraíba**. Orientador: Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior. 2015. 22 f. Dissertação (Bacharel em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira - PB, 2015. DOI <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/8864>. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/8864>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SILVA, JOSILENA OLIVEIRA TARGINO. **OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO DA PARAIBA: A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) EM JOÃO PESSOA**. Orientador: Marco Antônio Mitidiero Júnior. 2015. 61 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal da Paraíba,

João Pessoa, 2016. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/1288>>. Acesso em: 19 abr. 2022.

SILVEIRA, Daniel Rocha; GRADIM, Fernanda Jaude. **Contribuições de Viktor Frankl ao movimento da saúde coletiva**. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 21, n. 2, p. 153-161, dez. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672015000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 abr. 2022.